Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3581unse

XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Setembro de 1959 – N. 8

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel	*Redação*
Filosofia da História — Os Meios e os Fins	*Carlos Imbassahy*
Espiritismo e Política	*Arnaldo S. Thiago*
Existiria em Marte uma Super-Civilização ?	*V. O. Casella*
Carta Aberta aos Velhos	*Gomes Braga*
Facêta de Maior Importância . . .	*v. lirenedo*
«Na Casa de meu Pai há muitas moradas !»	*Antonio Domiciano*
Filosofia Viva e Racional sem o Espírito de Sistema	*Irmão Saulo*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
Meditações sôbre a Alma e a Morte	*Domério de Oliveira*
O Espiritismo, uma Avaliação . . .	*Mac Maynard*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.$ 70,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 20,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Á venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr$ 25,00 e mais cr$ 6,00 para o porte e registro.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 120,00 e mais Cr.$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1959 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

CAIRBAR SCHUTEL

NASCEU na Capital Federal a 22 de setembro de 1868. Antes dos dez anos era órfão de pai e mãe, Anthero de Souza Schutel e Dn.ª Rita Paranhos Tavares, cujas fotografias ainda estão afixadas à parede, ao lado direito de sua escrivaninha. Seu único irmão, sobrevivente à morte dos pais, falecera antes dos 5 anos.

Cairbar ficou aos cuidados de seu avô. Dr. Henrique Schutel, que o pôs no Colégio Pedro II, onde estudou até o segundo ano. Tornando-se homem e não querendo ser pesado a ninguém, procurou emprêgo para ganhar dinheiro. Entrou em farmácias, para praticar, e assim escolhera a profissão que exerceria durante tôda vida.

Aos dezessete anos chegou a Araraquara. Em seguida foi a Piracicaba, exercendo sua profissão ao lado do Sr. Leocádio de Castro Neves. Depois voltou novamente para Araraquara, onde foi Gerente de uma farmácia, aí o assaltou o desejo de tornar-se independente e, em 1896, veiu para o povoado de Matão, ainda não servido por viação férrea, que só foi construída no princípio do atual século. Matão estava destinado a ser sua «Estrada de Damasco», onde seria atingido pela Luz que lhe desvendaria os horizontes da Terceira Revelação.

No nascente Matão, em que Schutel já exercia a profissão de farmacêutico, havia um velho, agricultor, Calixto Nunes de Oliveira, cujo retrato a creiom ainda continua afixado na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Cairbar Schutel

O Calixto era dotado de mediunidade, mas pouco conhecia de Espiritismo.

O Schutel foi procurá-lo, não o encontrando. Logo que o Calixto soube

que o farmacêutico o procurara, rumou imediatamente para o estabelecimento do Schutel. Êste interrompeu seu serviço para receber o velho e depois de o cumprimentar, disse:

— «Snr. Calixto, desejo assistir a algumas sessões suas».

Ora, Snr. Schutel: eu deixei de fazer sessões, porque sempre vinham espíritos atrasados, a pedir missas e poucos os recursos para satisfazê-los.

O Schutel insistiu, o velho acedeu, mais para satisfazer à pessoa respeitável que o procurara.

Nas sessões do Calixto os espíritos se manifestavam por meio de (golpes) batimentos, de preferência realizadas em casa de outro amigo: Quintiliano José Alves.

Na primeira sessão se manifestaram alguns espíritos. Entre êstes, uma entidade mansa e bondosa, que ditou bela e instrutiva mensagem, referindo-se ao Schutel como escolhido instrumento para a divulgação da Grande Verdade. Disse que era D. Pedro II, último Imperador do Brasil.

Cairbar Schutel ficou encantado com a sessão, pois a mensagem não podia provir do médium e assistentes, gente sem conhecimento, todos simples e incultos.

No dia seguinte, por telegrama, pediu do Rio «*O Livro dos Espíritos*» e o «*Evangelho Segundo o Espiritismo*», ambos da autoria de Allan Kardec. Estudou-os com avidez. Tempos depois, descobriu em si diversas mediunidades, sobretudo a da psicografia, por meio da qual o pai a êle se manifestou, provando sua sobrevivência.

Estudou obras de outros luminares que surgiram no cenário da Nova Revelação.

Cairbar não se limitou ao papel de simples espectador, mas começou a agir; êle que saciara sua sêde com a Água da Vida, queria também mitigar a de seus contemporâneos.

O seu plano estava traçado. A quietude impelia-o para o estudo da III Revelação, propagando-a. A 15 de agosto de 1905 dava êle à publicidade a primeira edição de «O Clarim», que surgiu como uma centelha de luz que deveria em 33 anos de sua gestão, esclarecer o pensamento de incontáveis criaturas.

Mas a sua Farmácia que sempre lhe garantiu a subsistência exigia a sua presença. Foi quando teve a colaboração da récem graduada farmacêutica Zélia Silveira Perche, cujo labor lhe concedeu considerável tempo mais para divulgar o Espiritismo.

Quando lhe pareceu ter suficientemente insistido no duplo preceito de Jesus, «amar e perdoar», idealizou a divulgação científico-filosófica, fundando a «Revista Internacional do Espiritismo», luminosa em colaboração, com uma média de 32 páginas, cujo primeiro número surgiu em 15 de fevereiro de 1925, durante 13 anos sob sua direção, sendo êle o tradutor de artigos publicados em revistas francêsas, italianas e espanholas, Ismael G. Braga e Max Kohleisen, respectivamente do inglês e alemão.

Em 1905 Schutel fundou o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cujo nome indica sua finalidade.

Em setembro de 1936 iniciou pela Rádio Cultura de Araraquara — P.R.D. 4 uma série de 15 conferências, que terminou em 2 de maio de 1937.

Mas o Schutel teve ainda outra missão muito elevada.

Em sucessão contínua, publicou as seguintes obras: «Espiritismo e Protestantismo»; «Histeria e Fenômenos Psíquicos»; «O Diabo e a Igreja»; «Interpretação Sintética do Apocalipse»; «Médiuns e Mediunidades»; «Gênese da Alma»; «Materialismo e Espiritismo»; «Os Fatos Espíritas e as Fôrças X..»; «Parábolas e Ensinos de Jesus»; «O Espírito do Cristianismo»; «A Vida no Outro Mundo»; «Vida e Atos dos Apóstolos»; e seu último trabalho, «Conferências Radiofônicas».

Seu coração era generoso. Se sua inteligência era grande, maior era seu coração. A pobreza afluía a sua casa e ninguém saía com mãos vasias. Sua farmácia, sempre estava à disposição dos necessitados. Êle visitava os casebres, levando não só o alimento material e remédios, como o espiritual.

Duas épocas do ano mereciam sua solicitude — Dia de Natal e o da Paixão de Jesus. — A distribuição das oferendas sempre era precedida de substanciosa preleção doutrinária. A voz do povo o denominava — O Pai da Pobreza.

Filosofia da História

OS MEIOS E OS FINS

I

Daquele homem dizia Pierre Gaxotte na sua obra *A Revolução Francêsa :*

«Era sifilítico até os ossos, coberto de feridas, amarelento, o andar convulso, cheio de nevralgias. Os sofrimentos lhe apuraram o gôsto pela luta e pelo crime».

De maneira que, pensamos nós, a melhor maneira de vingar-se daquele homem seria deixá-lo vivo.

*

Amarrada, chega Carlota ao Tribunal; pede que lhe deixem calçar as luvas, a fim de aliviar-lhe o apêrto das cordas e lhe pouparem um suplício inútil, antes da guilhotina. Sua beleza, sua mocidade, seu tom, sua humildade comovem. Harmand, o presidente, chegou a esconder as lágrimas.

O povo acorre ao julgamento; houve gestos de cólera ; um grande murmúrio percorreu a multidão quando ela apareceu, e logo o ódio se transforma em comiseração, diante daquela figura de criança, cheia de intensa graça, aureolada pelo martírio.

O júri condena-a à morte por unanimidade. Em meio à multidão vê-se um homem angustiado: chama-se Adam Lux.

Cortam os cabelos à vítima, vestem-lhe a camisa dos supliciados e ela sobe à carrêta, enquanto cai sôbre a cidade formidável tempestade. Logo serena ; o sol poente lhe colora o rosto; nas suas faces há o esplendor da beleza, a serenidade da santa. Adam a segue e exclama : aquêles olhos abalariam um rochedo.

Carlota empalidece vendo a guilhotina ; refaz-se e sobe as escadas do cadafalso. Sua cabeça rolou ; um dos carrascos apanha-a e esbofeteia-a. As faces da decapitada coraram. Mas em vez dos louvores que o canalha esperava da multidão, a multidão estremeceu.

Para macularem a mártir, procuraram depois em seu corpo as provas de sua desonra : ela estava imaculada.

Adam publica um elogio de Carlota. Era o suicídio, mas queria participar de seu infortúnio. E participou. André Chenier cantou-a em verso, da prisão, dizendo — ela nos mata, porém nos ensina a morrer.

Tranquelin que a amava, morreu de desgôsto, pedindo ao pai que lhe pusesse no caixão suas cartas, lembranças e retratos.

A virgem imolou-se em benefício da humanidade. Mas Deus lançara aquêle monstro no seio dos homens porque lhe cabia uma terrível missão, embora tivesse que responder por ela. Tudo se aproveita na natureza, assim os atos dos bons como a infâmia dos perversos. Não é possível obstar aos desígnios do Senhor, e nós veremos como o crime continuou a sua cega ; dir-se-ia que os infelizes predestinados não poderiam fugir ao raio que os devia fulminar.

*

Os girondinos procuraram fugir. Esconderam-se nos campos onde a chuva, a neve os enregelava e entorpecia, sendo dizimados pela doença, pela fome, pelo frio. Conseguiram alcançar Bordeus.

Derrotada a França no exterior, faz-se uma requisição permanente de todo o povo. Assim recrutaram-se vinte e oito milhões. Cambon procura recuperar as finanças mas a fome se espalha.

*

A Convenção resolve processar Maria Antonieta.

As Sociedades requeriam um exército de veteranos, insensíveis às lágrimas, ao sangue, aos suplícios, que pudessem levar a tôda a parte a morte e o terror. Êsse exército estaria acompanhado de um tribunal e de uma guilhotina.

A Convenção cedeu; grandes massas, tendo à frente Nébert e Chaumette, intimidaram-na. Robespierre que procurava refrear os excessos ficou só.

Chaumette gritava da tribuna: Colocai o terror na ordem do dia; e o salão vinha em baixo com os aplausos.

Barère tinha pressa; mandou-se logo trazer os girondinos ao tribunal. Êste foi reorganizado, visto que os girondinos o haviam abrandado.

Escolheram-se como juizes, indivíduos subalternos e 60 jurados recomendados por sua inclemência e cegueira mental.

Trouxeram para a polícia a escória de Paris, e quando reprovaram isto a seu organizador, Ronsin, êle explicou: — Eu não podia escolher gente honesta para o mister a que os destino.

E foram prendendo indiscriminadamente; uma longínqua suspeita levava ao cárcere.

Por um decreto de Merlin não havia ninguém inviolável. Fizeram-se prisões em massa. Os ergástulos tornaram-se insuficientes e foram sendo utilizados os edifícios públicos, os hoteis, as igrejas.

Foi decretada a morte para os que não quisessem seguir para as fronteiras, não fornecessem armas, dessem asilo a fugitivos ou os socorressem, ou se correspondessem com êles, ou não os denunciassem; os que recusassem os «assinados», que serviam como papel moeda desvalorizada, ou que pretendessem fugir. Tinham todos que ficar tranquilamente esperando a morte oficial.

«A suspeita era convertida em prova, a delação erigida em dever».

Tôdas as prisões estavam repletas; levantava-se a guilhotina em tôda a parte. A Convenção estava presente em todos os lugares por seus representantes.

A máquina homicida começou a mover-se. Nela estréia o General Custine, que inspirava receios pelo seu valor no exército, por sua popularidade nas classes elevadas. Suas vitórias, em vez de o enaltecerem, perderam-no.

Trazido ao Tribunal, Fouquier Tinville, o chefe de polícia, leu uma acusação cheia de falsidades. Custine destruiu-as tôdas, e quando se estava certo de sua absolvição, o Tribunal condenou-o à morte.

Seguiram-se 98 execuções em 60 dias.

Chegou a vez da raínha. Nada havia que a inculpasse. Robespierre vacilava, mas Saint Just estava inflexível. E inflexíveis igualmente os montanheses, e entre êles Legendre, Collot, Desmoulins, Varennes, Barère, grandes bajuladores do povo, sempre à cata de popularidade.

O povo não se apiedava de uma mulher cujo crime era ter sido espôsa do rei.

E os que mostravam pesar pela sua sorte, iam logo ao cadafalso. Desde que entrou na prisão até à morte só recebeu da populaça os mais pesados insultos.

O delfim foi entregue a um bruto, o sapateiro Simon, que o injuriava, espancava e o obrigava a injuriar a memória do pai, da mãe, da tia. Ensinava lhe canções indecentes e forçava-o a beber, como êle.

Um dia perguntou-lhe: — Se o exército da Vendéia vencesse, o que farias? — Perdoar-te-ia respondeu o menino.

*

A raínha é levada ao Tribunal. Passemos pelos dolorosos lances da separação.

Seus cabelos embranqueceram; tinha envelhecido em poucos mêses: conservava ainda a dignidade real, mas era quase irreconhecível aquela cuja beleza impressionara as côrtes européias.

Fouquier Tinville leu a acusação: era a série de calúnias e torpezas que andavam na bôca da plebe.

Na sua defesa ela não acusou ninguém; quando se referia ao marido era cheia de respeito, ternura, amor e pesar; o nome da princêsa de Lamballe e da duquêsa de Polignac, suas duas grandes amigas já supliciadas, lhe provocavam lágrimas.

Nebert, um dos grandes cínicos da revolução, acusou-a de atos de depravação com o filho. A raínha teve um gesto de horror e calou-se. Perguntaram-lhe porque não respondia, e ela declarou, então, que havia acusações às quais a natureza recusa responder. E virando-se para o auditório — Apelo para as mães aquí presentes. Houve um longo murmúrio contra Nebert.

Terminados os debates, o presidente Nermann declarava que o povo francês depunha contra Maria Antonieta. O povo francês era a chusma dos assassinos, assalariados ou não.

Falaram os defensores. Ela foi condenada à morte.

Ao deixar a prisão, abraçou ternamente a filha da porteira; um nevoeiro caía sôbre a cidade. Sua carrêta era aberta para que todos a vissem e insultassem; foi conduzida pelas ruas de París, ouvindo de todos os lados gargalhadas, injúrias, irreverências, impropérios, gritos de morte, gritos de abaixo a austríaca! A seu lado, um gendarme a cavalo proferia obsce-

nidades. Quando o carro dava solavancos, diziam-lhe: — Isto não são as almofadas do Trianon. Ela tinha a angústia pintada no rosto.

Ao subir o cadafalso, pisou inadvertidamente o carcereiro e logo lhe pediu perdão. Quando lhe caiu a cabeça, um torpe adulador apanhou-a e mostrou-a ao público. Reboou um grito de viva a República.

Mas o grito pouco adiantou.

*

Amar, implacável membro da Segurança Nacional, foi encarregado de denunciar 73 deputados, suspeitos de cumplicidade com a Gironda. Nada transpirou, de sorte que, quando êstes chegaram, descuidados, para a sessão, ouviram um decreto que os declarava traidores, juntamente com os Girondinos. Aproveitaram a vasa, e incluiram outros nomes na lista.

Apanhados na ratoeira, foram todos presos e por ironia da sorte levados ao ergástulo em que estivera a raínha.

*

O filho de Vergniaud vendo o pai decrépito e em andrajos, caiu em pranto. — Não chores, meu filho — lhe diz o pai — e quando fôres homem, declara que viste o fundador da República na sua mais bela época, nas suas mais gloriosas vestes, quando sofria a perseguição dos celerados e se preparava para morrer pelos homens livres. E a criança de então repetiu o fato ao escritor Lamartine, que a registra na *História dos Girondinos*.

Começou o processo. Ali estava o partido da Gironda; ali estava a flôr da intelectualidade francêsa. Eram 22 os girondinos; muitos haviam fugido ou morrido, mas os revolucionários procuraram conservar o número de qualquer maneira, e encheram as vagas com estranhos. A imaginação dêles era sempre fértil.

A acusação apresentada por Tinville era extraída do panfleto de Desmoulin. Foram testemunhas os inimigos dos acusados.

Começou o público a inclinar-se pela indulgência, tal a ascendência dêles na opinião geral. Mas o júri apressou os debates, fechou-os repentinamente, acusou-os de conspiração e condenou-os à morte. Foi tudo de relâmpago.

Valagé suicida-se. Desmoulin precipita-se para a porta, gritando, alucinado — fui eu que os matei! —

Chegou o dia da execução. Êles tomam a carrêta, entoando a Marselheza. Abraçam-se pela última vez no sopé do cadafalso. O côro declina à proporção que as cabeças vão tombando, até que uma só voz ressôa, a de Vergniaud, o último a ser executado.

Foram todos para a mesma farsa ao lado de Luis XVI, por cuja morte votaram.

Segue-se o Duque de Orleans, que havia, apesar do sangue e da realeza, aderido à revolução. Prenderam-no com seus filhos. Confunde êle os acusadores, mas foi condenado.

Tomara o nome de Igualdade (Égalité). Morreu desprezado pelos nobres, pelos correligionários, pelos amigos, pelo povo.

*

A coligação estrangeira contra a França era fraca e hesitante. E assim deixaram perecer a Monarquia, o rei, a raínha, os príncipes, a nobreza, os grandes vultos, e campear o mais hediondo massacre que já se viu numa luta interna. Cada qual visava ao interêsse próprio e pouco lhes importava a angústia dos que estavam morrendo ou iam morrer.

Dampierre, general francês, perde uma batalha e corre para um ponto perigoso. Grita-lhe o filho — Pai, isto é morte certa. — E o pai lhe responde: — É preferível cair no campo de honra que na lâmina da guilhotina.

Um obuz o mata, salvando-o do Tribunal de Segurança.

Houchard vence a batalha de Hondschoote, mas como não venceu os inglêses é prêso e condenado. Nem a vitória salvava da guilhotina, já o vimos.

Carnot levanta o cêrco de Mauleuge. Com êle se achava o general Chancel, que não se sabe porque falta é condenado.

Descobriram uma conspiração, real ou fictícia na Alsácia. Saint Just entra na província e com êle o Terror. Para principiar, mataram logo 70 habitantes.

*

Em Lião, acompanhando os massacres de setembro, foram imolados vários indivíduos. Chalier, um fanático, pôs-se à frente dos assassinos. Huguenin incitava-os. Acompanhavam Chalier na chefia da

matança, Rullot e Cusset, membros da Convenção, e o padre Laussel, que esposara a própria irmã; Chalier apresentara uma lista de 500 cabeças para serem cortadas; pegou a imagem do Cristo e berrou:—Não basta ter feito morrer o tirano dos corpos, é preciso destruir o tirano das almas, e quebrou o crucifixo, pisando-o depois. Não contente, mandou vir uma guilhotina.

Nivière, à frente de uns batalhões, impediu a carnificina almejada.

París revolta-se contra essa atitude: a guilhotina não podia parar. Chegam comissários em Lião e preparam a organização homicida. Chalier incita o povo: lavemos as mãos em sangue!...

Mas os lionêses reagem; os secionários vencem as feras de París; Chalier é prêso e condenado à morte. Lembra-se êle então do Cristo e a êle se compara pelo martírio; sua cabeça cai na guilhotina que trouxera para a cidade e o seu corpo, abraçado ao crucifixo que quebrara e pisara.

París freme e se prepara para o ataque. Os secionários vão buscar o General Precy, que, como Cincinato, tinha a enxada nas mãos. Precy obtemperou que a reação seria a ruína da cidade, e que estariam todos perto do cadafalso. — Pensamos nisto—responderam—e entre o cadafalso e a opressão preferimos aquêle. Precy entusiasmou-se e seguiu-os.

Lião foi vencida. Couthon faz promessas generosas e a cidade lhe abre as portas.

Uma coluna de fugitivos, onde se achavam Precy e Virieu pretendem alcançar a Suissa; são surpreendidos e dizimados pelos soldados da Convenção.

Craucé, Collot d'Herbois, Dorfeuille queriam uma vingança terrível, e ela veiu. Cai a primeira cabeça; para não desonrar a palavra empenhada, Couthon retira-se.

Barère propõe que Lião seja sepultada em suas cinzas. Começaram os suplícios. Apanhavam-se fugitivos ou pessoas que pareciam querer fugir. Enchiam-se as prisões e logo se esvasiavam pelo cadafalso.

Não obstante, achavam morosas as condenações, e os representantes que lá estavam foram substituidos por Fouché e Collot d'Herbois. Com êstes vieram vários indivíduos experimentados no crime.

Começaram então a cair as cabeças, ao mesmo tempo que os edifícios. As picaretas, as bombas, o cutelo entraram a fazer um serviço em conjunto.

Fouché lançou proclamações, incitando os cidadãos à delação. E pagava-se 30 francos por denúncia; a importância era dobrada se o denunciado tivesse certo valor. Logo se formou uma quadrilha para tão rendoso negócio.

E foram matando e destruindo. Os moradores eram obrigados a desalojar às pressas, levando o que podiam, enquanto suas casas vinham abaixo. Alguns operários ficavam sob os escombros, tal a freima em destruir. Ouçamos um trecho de Lamartine:

«O estrondo das paredes que caiam, o pó das demolições que envolviam a cidade, o ruído dos canhões e a fuzilaria dos pelotões que fuzilavam ou metralhavam os habitantes, o rodar das carrêtas, que das prisões conduziam os acusados ao Tribunal e do tribunal à guilhotina, eram os únicos sinais de vida da população, o cadafalso o único espetáculo, as exclamações de um povo em farrapos a cada cabeça que lhe caía aos pés, sua única festa».

A água e a areia espalhados no solo onde se derramava o sangue das vítimas não conseguiam estancar a lama fétida e vermelha onde escorregavam os pés. Dorfeuille transportou então a guilhotina para um fôsso; ali então o sangue era levado ao Ródano. As lavadeiras tiveram que mudar-se, porque as roupas saíam dágua como se tivessem ido a uma tinturaria. Quando os suplícios ultrapassaram a casa dos 40, houve que pôr a guilhotina numa ponte sôbre o rio. Nêle caíam o sangue, a cabeça e os corpos, de sorte que os barqueiros navegavam entre os destroços humanos, como se houvera um temporal terrível.

Noite e dia os parentes das vítimas andavam em tôrno das prisões; os mais lacrimosos iam fazer-lhes companhia lá dentro.

Seis mil suspeitos esperavam a vez; as casas foram sendo abatidas; só se salvavam as pocilgas. Quem tinha um inimigo dêle se livrava pela denúncia, com a vantagem ainda de embolsar a recompensa pecuniária.

Todos os que Couthon deixara escapar, iam sendo apanhados e trazidos para a execução. Os parentes participavam da pena.

Fouché e Collot ainda achavam fra-

co o movimento. Dorfeuille prometeu espantar. E espantou.

As mortes individuais foram substituidas pelo assassínio em massa. A guilhotina ficou para trás, já era um arcaismo. Os condenados iam sendo postos em fileiras, unidos dois a dois, junto às sepulturas abertas. Todos eram convidados a assistir o magnífico espetáculo. Collot e Fouché empunhavam binóculos.

Dorfeuille dá o sinal; as peças detonam, os tambores rufam, a fumaça enche os ares. O povo corre para ver de perto. Cairam apenas 20, arrastando os companheiros vivos. Vozes, gritos, súplicas se elevam por sôbre os mutilados; há os soluços convulsivos e comprimidos dos parentes.

Recorreu-se à metralha; não foi ainda bastante. Avante, dragões, grita Dorfeuille — À carga! Os dragões lançam-se em cima daquela massa humana e os extermina a sabre, pistola, patas de cavalo. O morticínio durou duas horas. Dorfeuille, de fato, espantava.

Para evitar protesto e sentimentalismo os representantes ordenaram a alegria geral. Era uma alegria por decreto.

Outros foram levados para a célebre ponte. Ao contarem os *morituri* viram que sobrava um. — Não importa um a mais — concluiu Collot. O supranumerário era um jacobino, que berrava em vão contra o êrro.

À ordem de fogo, 930 soldados atiram contra os prisioneiros; dissipada a poeira e a fumaça, viram-se alguns vivos, com os olhos esbugalhados, tomados de terror, outros feridos, outros agonizantes. Poucos conseguem fugir, arrastando-se; os soldados fingem não ver, mas Grandmaison ordena que os persigam; um que consegue escapar é atirado ao rio pelos jacobinos. A tragédia acabara em caçada.

Como entre os feridos ainda houvesse sobreviventes, os inumadores quidavam-nos a enxadadas. E Collot d'Herbois, triunfante: — A Revolução deve ferir como o raio!

*

Os excessos continuaram pela redondeza; nem as crianças eram poupadas. Como o povo perseguidor fôsse esfriando, organizaram uma *claque*, incumbida de aplaudir a matança e os matadores, e do mesmo passo, manter o fogo do entusiasmo homicida.

Um chefe pergunta a uma jovem porque não trazia o chapéu republicano. — Porque tu o usas — respondeu ela.

Foi ao cadafalso. No seu seio encontraram uma carta; era a despedida de seu noivo, metralhado dias antes. Êle a esperava nos umbrais da Eternidade.

Num banquete, Dorfeuille, Achard, Grandmaison, Collot beberam o sangue dos mortos, vampiros humanos, tomando-os como vinho redentor. Êles o haveriam de revessar, alguns séculos depois, sentindo-lhe um travor que não poderiamos descrever.

Passado pouco tempo, escrevia ainda Fouché: — Comemorando nossa vitória, metralhamos hoje 213 rebeldes. Era um número alentador, além de mostrar como era feliz nas idéias, quando tinha que comemorar uma vitória.

*

Se não fôssem as provas que nos traz uma nova doutrina e uma nova Ciência, dificilmente acreditariamos que Deus interviesse nas coisas dêste Mundo!

Carlos Imbassahy

(Conclusão do Capítulo I)

DOUTRINA DE PUREZA

Fruto de uma revelação divina, o Espiritismo é uma doutrina de pureza, de simplicidade e de elevado potencial moralizador.

Como tal não pode tolerar, em sua estrutura, princípios heterogêneos e esdrúxulos, incompatíveis com o seu caráter de doutrina estritamente espiritualista.

O uso de acessórios, adorações exteriores e práticas baseadas na superstição e no fanatismo, podem ser tudo, menos Espiritismo.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

Espiritismo e Política

NESTAS horas de angústia mortal por que passam todos aquêles que nutrindo sentimentos de paz e de fraternidade, observam o descalabro que vai pela sociedade e o pouco caso que se liga às instituições religiosas e aos seus superiores princípios, a tudo preferindo-se o interêsse comercial, o sórdido e fútil bem-estar material; nestas horas de angústia, agravadas pela reflexão madura dos fatos, por vêzes, um sonho, um simples sonho pode ter a virtude de desfazer as sombras que nos velam a alma e de novo alcandorá-la aos páramos da felicidade que todos pretendemos alcançar em alguma das «casas de nosso Pai», no infinito.

A noite é boa conselheira, diz o prolóquio popular. E eu ontem sonhei. Eu estava, no sonho, a princípio, com o meu irmão Vicente, já desencarnado, numa canoa, junto a um local pantanoso e de galhos emaranhados. Nisto aproxima-se de nós um pequeno felino ameaçador, como se fôsse um cão raivoso. Meti-me na canoa, para livrar-me dêle, enquanto meu irmão exclamava: «Êste danado já me mordeu, deixando-me estas marcas», mostrando-me cicatrizes no corpo, que lhe deixaram essas mordidas.

Ato contínuo, numa rápida mutação, como as que se observam nas telas dos cinemas, passámos daquele local para uma praia de areia muito alva e na qual se achavam muitas pessoas, de tôdas as quais, entretanto, só me lembro bem de meu pai, isto é, não pude identificar nenhuma das outras pessoas que alí estavam, embora me parecessem velhas conhecidas minhas.

Lá permanecendo, vimos num dado momento descer do céu uma construção imensa, formada como que de lâminas de metal branco, entrançadas — uma espécie de elevador flutuante, de metro e meio, mais ou menos, de largura em cada um dos quatro lados. Oscilou uma primeira vez sôbre as nossas cabeças e na segunda vez baixou até nós. Aproximámo-nos e vimos, de pé, na extremidade inferior dessa construção cuja extremidade superior se perdia no céu, uma jovem de olhar muito expressivo, irradiante de simpatia. O que me causou profunda admiração, foi a sua maneira de ser, física, só denotando ter vida do busto para cima, pois do tórax para baixo não tinha pròpriamente corpo, mas apenas umas como vestes que eram semelhantes a nuvens — e chamei a atenção de meu pai para essa característica personalíssima da jovem. Em seguida, por achar talvez que semelhante espécie de elevador devesse apenas alcançar o mais próximo dos astros que vemos no céu, perguntei-lhe se vinha do nosso satélite: — «Não», respondeu-me, «venho de Marte». — Então, redargui, esta construção começa em Marte? — «Não. Começa na Lua». — E como chegam de Marte à Lua? — perguntei: — «Em discos voadores» — respondeu-me.

E dêsse ponto em diante o sonho tornou-se-me confuso; mas o seu magnífico efeito já se havia produzido em minha alma. E, se ontem eu morria de angústia diante de aspectos sociais que me feriram fundo a sensibilidade, hoje tenho o coração inundado de luz e cheio de esperança.

Ocorreu-me, então, ao pensamento esta reflexão: deixemos na Terra tôdas as fealdades do nosso ser, representadas pela parte inferior do nosso corpo e que se achava atrofiada naquela jovem que viera de Marte para falar-me, e conservemos apenas o nosso coração e o nosso cérebro — espírito e vida — para subirmos aos planos superiores do infinito!

E agora, ao fixar na escrita êsse belíssimo sonho que tanto me veio consolar das aflições da vida, na Terra, como tivesse eu pensado, no meu desespêro, que, usando das armas da política, melhor provàvelmente realizaria os meus ideais, ocorre-me raciocinar, a respeito, verificando o que tem se passado em certos núcleos de atividade religiosa, nos quais a política tem se introduzido subrepticiamente, para concluir de uma vez por tôdas: Espiritismo e política, nas condições em que se encontra atualmente a sociedade humana, são absolutamente incompatíveis. Os que se entregam à politicagem não devem levar a contaminação das suas

idéias nefastas para os Centros de trabalho espírita, perturbando a vida dessas corporações, alienando a simpatia dos Espíritos Superiores e atraindo os perversos que são os que melhor se coadunam com a esperteza e a miséria das consciências envenenadas pela politicagem.

Quando vi um Guia de Centro espírita chorar pela dificuldade que lhe opunham os seus irmãos da terra — e vi alguns dêsses transviados confrades metidos na politicagem, conclui: Espiritismo e política são incompatíveis; quem quiser seguir um, tem de deixar a outra, para não provocar desgraças irremediáveis.

Arnaldo S. Thiago

Rio, 6 de maio de 1959.

Existiria em Marte uma Super-Civilização?

NO nosso trabalho anterior cuidámos da recente hipótese do astrônomo soviético, Chlovsky, sôbre Fobos, a lua do planêta Marte, a qual seria artificial, lançada naquele céu por uma civilização marciana de há três milhões de anos. Ora, uma vez que a nossa ciência revela que o nosso Homem dominante surgira na Terra há cêrca de 25 mil anos, teremos na declaração daquele sábio que a vida naquele planêta teria se avantajado, com larga antecipação, ao início da evolução vivente terrestre.

Mas em que razão poderia se firmar o cientista soviético, no seu conceito sôbre essa dianteira evolutiva dêsses nossos supostos vizinhos do céu, considerando-se que os dois planêtas, Marte e Terra, são da mesma idade?

Vejamos o que nos diz o raciocínio, em favor dessa hipótese.

Embora sejam diversas as teorias sôbre a origem do nosso sistema solar, os seus autores, fundamentalmente, não se discordam de que os nossos planêtas nasceram todos ao mesmo tempo, destacando-se de uma mesma fonte cósmica. Isto nos indica que se todos êles são partes de um mesmo Todo, as suas estruturas, na essência, não se diferem, revelando-nos que a composição e transformação de seus elementos são sempre regidas pelas mesmas leis nesses diferentes mundos.

Ao nascer tais corpos planetários achavam-se altamente aquecidos, portanto em estado gasoso. Lançados no espaço gélido, em diferentes distâncias da fornalha solar, começaram a se esfriar da periferia para o centro.

Sabendo-se que se colocarmos separados dois corpos igualmente aquecidos e de naturezas idênticas, mas de diferentes tamanhos, para se esfriarem em um mesmo ambiente, o menor se esfriará primeiro.

Por esta lei, lógica e natural, é fácil entendermos que os planêtas de menos massa, especialmente os mais afastados do Sol, são os que mais depressa passaram a reduzir sua temperatura. Nestas condições teremos que quando a Terra ainda se achava perdendo seu excesso de calor, para atingir o ambiente favorável para eclosão de sua vida em latência, Marte de menor massa e mais distante do calor solar, portanto se esfriando com mais rapidez, de há muito já teria alcançado tal fase crítica de maturação, desabrochando do seu sêio môrno os seus primeiros rebentos, ativados pelos beijos vivificantes da luz do Sol.

E sendo a evolução uma lei universal, é evidente que a vida ali, com estas vantagens iniciais, teria antecipado à terrestre na marcha ascensional evolutiva. Logo, quando a Terra chegou no seu tempo de acolher os primeiros hóspedes vivos saidos do seu pó, naturalmente os de Marte já se achavam em uma fase bem mais adiantada de evolução.

Mas se os sêres daquela morada do espaço solar tiveram a primazia de nos anteceder no berço da vida planetária, esta vantagem ali deverá ter sido apenas transitória.

Considerando-se que o desenvolvimento vivente para as formas mais elevadas terá que ser favorecido por um ambiente acolhedor de nutrição e proteção naturais, não há dúvida que a natureza em Marte, nessa ocasião, estaria com essas condições exigidas pela função ativa de seus inquilinos.

No entanto, as paisagens atuais do solo marciano, ressequidas e desoladoras pela sua pobreza aquática e vegetal, estariam contrastando com o que ali pudesse ter sido vida ativa em outras épocas. Isto nos faz conjeturar que se de fato houve ali um período de riqueza planetária, a exemplo do que vemos na Terra, tal plenitude, que naqueles cenários hoje já não mais se vê, teria sido, como já dissemos, apenas uma fase de transição.

Mas por quê teria Marte tão cedo perdido os encantos da vida ?

Tratando-se de um astro de pouca massa, a sua atração não mostrou suficiência para reter ao seu redor uma atmosfera apreciável para equilíbrio de seus climas. A água que ali pudesse ter existido em abundância foi diminuindo-se pela evaporação no espaço afora, não se completando nos seus ciclos de volta pelas chuvas, o mesmo sucedendo com outros elementos necessários para suas formações atmosféricas. Sem a proteção desta capa de gases, com a capacidade que lhe servisse de regulador térmico natural para uniformizar suas condições climáticas, seus dias e noites passaram a sofrer alternações bruscas. Presentemente podemos observar seus dias de mais forte calor raramente aos 30 graus, nos locais de maior incidência dos raios solares, caindo à noite verticalmente essa graduação para 60 a 80 graus abaixo de zero centígrado.

Com variações climáticas tão rudes, e pelo ressecamento progressivo de sua superfície (hoje três quartas partes de seu solo são áreas desérticas), é de imaginar-se que os sêres orgânicos que se valem apenas dos recursos naturais, para se manterem, não teriam resistido a essas condições hostis do planêta, cuja decadência teria sustado aquela marcha de evolução vivente.

Quanto ao saber-se em que grau teria parado essa ascensão evolutiva, surpreendida pelos fatores de uma natureza adversa, é uma questão que sem elementos de provas, ninguem poderá tecer hipóteses seguras. Mas se vier a ser confirmada a artificialidade daquela lua, então nela teremos uma testemunha concreta de que aquela evolução teria alcançado uma forma superior de sêres super-civilizados. E, neste caso, se esta raça conseguira vencer o declínio da natureza do planêta, hoje ainda poderão existir seus remanescentes, se bem que o silêncio ali reinante estaria contrastando com tal existência atual. Seria estranho que êsses nossos então adiantadíssimos vizinhos do espaço, moradores dessa outra casa do céu, com tanto recurso, ao ponto de superar os estertores de seu astro agonizante, não estivessem interessados no contato com nós terrestres, que tivemos a ventura de nascer no mais belo e rico planêta do sistema solar.

E se as pesquisas futuras demonstrarem que aquela lua de Marte seja de fato natural, como sempre se julgou, ainda mesmo assim a hipótese do sábio soviético não se acha em sentido contrário com relação à possibilidade de já ter ali existido uma progressiva evolução vivente marciana. Aqui, a hipótese de Chlovsky se justificaria em parte, pelos fundamentos de que a vida em Marte teve seu início, e com razões para supormos que tal ponto de partida se dera em uma época longínqua. Em princípio as inferências em favor destas provas mostram-se pelas vegetações que ali ainda sobrevivem, lutando com a aridez dos desertos marcianos, outrora mares, em derradeira resistência contra seu fim total que se aproxima implacável.

E como as vegetações indicam a presença de água, esta já confirmada, pode ser que entretidos por êstes elementos ainda possa ali existir, em condições naturais, algum tipo resistente de representantes do reino animal, por mais inferiores que sejam os exemplares. Logo, ou de um modo ou de outro, a vida ali, seja qual fôr sua forma, realizou sua eclosão no sentido de evoluir, em cuja base inicial assenta-se fundamentalmente o raciocínio da hipótese do pesquisador soviético.

Com os progressos atuais, talvez não tarde tanto para que essa questão se torne mais clara, pois os nossos satélites, em movimento, já abriram no céu os primeiros caminhos que um dia conduzirão nossos futuros astronautas para outros mundos do nosso sistema solar.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Carta Aberta aos Velhos

Reproduzido de «Revista Internacional do Espiritismo», de 1930, em homenagem ao centenário de nascimento de Conan Doyle ocorrido em 22-5-1959

O completar setenta anos, o ano passado. Sir Artur Conan Doyle publicou uma «Carta aberta aos homens da minha geração» ; à qual o redator da «International Psychic Gazette», sr. John Ldwis, faz comentários muito interessantes, lembrando que a obra de Cícero sôbre a velhice *(De Senectude)* embora dispondo à favor da velhice de argumentos muito mais fracos do que os de Conan Doyle, transformou a mentalidade dos romanos em favor da velhice.

Compara tambem a franqueza do autor com a da «Imitação de Cristo» nas reflexões sôbre a morte : «muito breve chegará o teu fim aqui ; examina, portanto, o teu estado : hoje o homem existe, amanhã já se acabou,» «Quando desaparece da vista, logo tambem está fóra da lembrança, etc.»

A carta de Conan Doyle é íntima e modesta, «é apenas uma carta, não é um panfleto e muito menos um livro», diz êle.

«Meu amigo ! — começa êle, espero que o meu modo de te falar, não seja demasiado íntimo. Si és velho, então tu e eu chegamos juntos ao mesmo ponto da cauda da vida, e assim temos muito em comum para sermos amigos.

«Talvez o que eu tenho a te dizer, te pareça sem valor, e o ponhas de lado. Neste caso nenhum mal haverá. Por outro lado poderá ser uma bússola que te guie por uma nova senda que em tôdas as idades é importante, porém muito mais importante se torna na velhice.

«O conhecimento que eu te venho trazer tem sido proclamado por outras pessoas a melhor coisa que já adiquiriram na vida — pode dar-se o mesmo contigo. De qualquer modo, quer tu aceites ou rejeites, eu sinto o dever de te oferecer esta oportunidade».

Depois de haver preparado assim o leitor para lê-lo, Conan Doyle emprega a linguagem franca : —

«Vamos encarar as coisas frente a frente. Nós estamos para morrer — tu e eu. Tenho setenta anos feitos e acho que um perito em seguros me daria mais cinco anos. Podem ser dez e talvez também só um ano.

«Quem sabe ? Mas tu e eu estamos sofrendo uma doença incurável, destruidora, chamada velhice, a qual só tem um fim único — a morte.

«Os jovens mesmo quando a morte lhes esteja muito próxima, podem sempre com tôda razão supôr ainda muito afastado êsse acontecimento. Mas conôsco a coisa é muito diferente. É matéria urgente, da qual temos que tratar já. É por isso que eu te estou escrevendo esta carta. Eu não desejo que fiques assombrado, mas, ao contrário, que formes no futuro a mesma alegre opinião que eu formo da morte».

Continua a carta mostrando que há cem anos passados, a morte era uma pálida e fria perspectiva.

Os livre-pensadores do tipo de Hume e Gibbon acreditavam que a morte acabava tudo — que propriedades, amôres, conhecimentos e caráter tudo se extinguia como uma bôlha de sabão que se arrebenta. A alternativa dos religiosos era ainda mais triste: — um julgamento por uma Divindade vingativa, seguida por agonias muito maiores do que as da Terra, ou bemaventurança de uma espécie lúgubre, na qual a música e as práticas religiosas formavam a maior parte. Tais idéias, porém, «pelo bom-senso comum vão se afundando para as regiões das lendas do passado e o homem começa a respirar mais livremente», porque : —

«No momento mesmo em que as religiões apoiadas sôbre a fé tornavam-se ineficazes, brotou (de algum lugar do Empyreo) uma nova fonte de inspiração, pequena em sua origem, como tôdas as fontes costumam ser, mas que já se vai tornando notável corrente, destinada —

como muitos de nós creem — a suplantar tôdas as filosofias. Durante oitenta anos ela resistiu a todo ridículo, preconceitos e falsidade dos homens. Cresce, aumenta, alarga-se. E' uma religião de conhecimentos e é adquirida pelo contato com inteligências que se acham em uma esfera de espiritualidade e poder muito mais elevada do que a nossa.»

A seguir, a carta trata das provas evidentes que o Mundo dos Espíritos tem fornecido acêrca da sua realidade e sua natureza, provas essas que têm satisfeito a algumas das maiores mentalidades científicas dos tempos modernos e assegura a muita gente velha que vê em cada aniversário se lhe aproximar a grande mudança, que não será extermínio, não é o perigo das dôres físicas, e não é um céu duvidoso.

«Crê-me, não temos razão de encará-la (a morte) como objeto de pavor, mas antes, como um ponto vitorioso que é a culminância dos nossos esforços e o comêço do nosso bem-estar».

O homem medianamente bom pode estar certo de ser bem acolhido pelos seus amados que o precederam e que farão na morte uma alegre reunião. Mas há outros, os que nunca amaram nem conquistaram amor:

«Quem irá receber lá ao egoísta, ao cruel, ao homem que viveu para si ùnicamente? Para tais pessoas a morte é, de fato, um momento triste, frio, horrível, porque começam a colher o que haviam semeado... Os laços de simpatia e afeição são as únicas coisas permanentes que regulam a reunião ou a separação dos que estiveram em contato aqui em baixo... A apatia e a ignorância das coisas espirituais que muitos *leaders* religiosos demonstram, é difícil de se entender... O argumento final em pról da nossa Nova Revelação é ser ela a interpretação mais natural, razoável e confortadora que já apareceu. Ela é imensa, impetuosa, abrange tôdas as nossas dificuldades e nos dá resposta a tudo».

Sir Artur conclúe a sua carta em tom alegre, contando a seguinte história:

«Era um velho de oitenta anos. A história é egoística e contudo eu não posso refrear o desejo de contá-la. Eu lhe ensinei essas coisas. Êle já havia perdido o apêgo pela religião, e êste conhecimento deu-lhe uma animação enorme. Êle vinha às nossas reuniões e falava. Quando tinha oitenta e três anos disse da tribuna: «eu tenho três anos de idade, e ali está meu pai», e apontou para mim. Logo depois morreu em grande paz. Depois de ter estado rígido por alguns minutos e todos pensarem que a vida se lhe extinguira, êle abriu a bôca e disse em alta voz: «*Deus abençôe ao Conan Doyle*». Depois voltou para o reino da morte.

«Êsse grito do túmulo foi uma das recompensas que eu tenho recebido como amplo pagamento do meu trabalho.

«Portanto, ânimo alegre, Camaradas! Podemos ter as juntas, um pouco duras, e a artéria um tanto difícil, mas não levamos nossa cal conôsco para o Além, e a primeira impressão que recebe o sofredor quando emerge lá é de que se libertou de todos os sofrimentos corporais, como o cristão que largou o seu fardo».

Lamentável que todos os velhos desolados não leiam a carta de Sir Artur Conan Doyle!

GOMES BRAGA

Facêta de Maior Importância

Presentemente fala-se muito da precária resistência fisio-neuro-psíquica das criaturas de hoje. Aí afora é tremendo o acêrvo de doenças. Realidade triste se nos depara: a lotação completa dos nosocômios dentro da qual destaca-se maciço o bloco de jovens e adolescentes abalados, física e psìquicamente. Entre os novos, principalmente o alcoolismo e o tabagismo vão fazendo estragos no cerne. E perguntas íntimas assaltam os observadores: — será que a gente de hoje é muitíssimo mais fraca orgânicamente do que a de antanho? como podem organismos assim novos serem minados tão funda e ràpidamente? onde a resistência estrutural dêstes pacientes se, no verdor da existência, já lembram fortalezas castigadas rudemente, vencidas?!

Espantosa mesmo é a incidência

das moléstias sôbre as coletividades de agora. Estômago e fígado, rins e pele; e nervos, coração, brônquios, distúrbios mentais. Ora, as gerações passadas também conheceram a imoderação na mesa, o álcool e o fumo. A carne e vísceras dos animais foram tão prejudiciais outrora quanto hoje; o álcool *bebível* de ontem foi tão brutalizante e degenerescente como o de agora; o fumo dos antigos foi tão venenoso como o usado pelas gerações presentes. No entanto parece que a ação maléfica dêsses elementos encontrava mais resistência no organismo da gente passada, porquanto sabia-se, é óbvio, mas em pessoas maduras, os casos de úlceras gástricas, de hepatites, uremia, artritismo; porquanto *sòmente* em pessoas maduras sabia-se de desmantelos etílicos e tabágicos. Hoje, não. Há verdadeiros exércitos de jovens com a saúde arrasada por regimes alimentares abusivos, e por etilismo e tabagismo!...

Grande responsabilidade pelo dilatado quadro de doenças que se nos apresenta é atribuida à alimentação artificial, sofisticada, em base de química; às moradias insalubres das cidades grandes, aos tumultuosos e por isso desgastantes dias que correm. Razoabilíssimo tudo. Porém existe a facêta espiritual, de importância primeira.

Irmãos, a responsabilidade moral-espiritual de todos, hoje é muito maior do que no passado, mesmo remontando cinqüenta anos apenas. Dentro do Evangelho e do Espiritismo Cristão advertências inúmeras existem sôbre contenção, comedimento e mesmo quanto aos reflexos imediatos de nossos comportamentos em nós próprios. Sabemos que o nosso corpo é vaso respeitável, sob empréstimo, que temos de o cuidar. Absolutamente não estamos no mundo para bebedeiras e comedorias, nem para nos impregnar de tabaco. Antigos que em assunto de viciação falassem em entidades também viciosas a acompanharem os desregrados, seriam tomados por loucos. Já hoje sabemos que irmãozinhos infelizes sobrepairam ativos o ambiente de comilões, vampirizam beberrões e tabágicos, que legiões de Espíritos torvos, insanos, povoam os matadouros e distilarias, os salões de fumar e de jogatina. Sôbre o certo e o errado sabemos muitíssimo, hoje. Mas não renunciamos à pinga, champanha, uísque, cigarro, charuto; exterminamos animais na gula da presuntada, dos refogados bovinos, dos frangos e patos e cabritos assados. Tantos abusos dentro de tantas luzes e oportunidades de esclarecimento já não é desprêzo aos poderes mais altos, é desafio direto. Sim, conscientemente chafurdamos demorados no âmago das extravagâncias, do exagêro, do temerário, do vício, e sotopostos a êsses monstros vamos às doenças que nos maceram, nos defraudam os bolsos, nos isolam do trabalho dignificante, nos prendem ao leito caseiro, dos hospitais, sanatórios. Intemperança é sofrimento; para nossa própria desdita, a um só tempo ela capta e desenvolve venenos, e recepciona perniciosos do invisível. (O assistente Espiritual dizendo claro a duas chorosas mulheres vindas ao Centro pela primeira vez: — ... inteperante e por isso invigilante, a êle se ligaram recentemente Espíritos viciosos e perversos decididos a lhe arruinarem a saúde. No socorro ao moço, precisamos da colaboração dos componentes do vosso lar, isto é, orações fervorosas e evangélica moderação nos hábitos, à mesa).

Somos obstinados abusadores e acintosamente exemplificamos e até gloriamos o êrro em nosso derredor, na família e sociedade. Pais a tomarem álcool, filhos também. Pais e mães fumando, filhos e filhas imitando. Alguns aferrados aos pratos excitantes, muitos os acompanhando. No entretanto, haverá quadro mais amargo para os pais e para todos do que êsses grupos de jovens de corpo e mente avariados, a povoarem tantas casas de tratamento?!

Longe de nós outros a idéia irônica, mas é evidente que, se devido a oportunidades de aprendizado bem menores, através da viciação os antigos recebiam na estrutura orgânica a resposta em velocidade de trote de cavalo, nós modernos, pela repulsa e desafio a tantas advertências e luzes receberemos tal resposta em velocidade super-sônica. Daí assim tantos abusadores imobilizados de chôfre por graves moléstias, daí o afigurar-se que tôda uma geração perdeu a saúde, só vingando — e frouxamente — à custa de medicamentos, parecendo constituir-se inteira de peças para o laboratório de análises, de pesquisas. Horizontalistas, descrentes, materialões, vamos

prematuros no abusamento, e havemos de ser prematuros nas consequências, nas moléstias e moléstias. Históricamente nós humanos já devemos muitíssimo à Espiritualidade. Ao envez de quitação, teimaremos em contrair mais e maiores débitos? Dentro dêstes quarenta anos que nos separam do limiar da Nova Civilização, resolverão as coletividades criar juizo atendendo efetivamente à responsabilidade moral-espiritual de que se fizeram credoras? Oxalá que sim, pois os tempos são chegados, caros irmãos, impondo-se tôda vigilância.

v. lirenedo

"Na Casa de meu Pai há muitas Moradas!"

(Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»)

QUALQUER estudioso dos evangelhos sabe que estas palavras foram pronunciadas por Jesus. Em linguagem científica quer dizer «pluralidade dos mundos habitados». Nos tempos em que o Divino Messias era o fundador do Cristianismo, afirmar-se esta teoria. era temeridade.

Jesus era conhecido na Palestina como um humilde filho de Carpinteiro. Para as pessoas de sua classe, questões de alta indagação, como essa, eram proibidas. Havia o velho sacerdócio que monopolizava tôdas as fontes de conhecimentos. Os seus prelados manejavam soberanamente os livros como a Biblia e outras fontes de conhecimentos, escolhendo, cuidadomente, sómente aquelas partes que servissem para conservação ou aumento de prestígio do Clero. Aos plebeos da classe dos carpinteiros, só se permitia ouvir as prédicas dos Rabinos, nas sinagogas oficiais, quase sempre sob espionagem do Sinédrio.

Há referências, dignas de crédito sôbre a reação manifestada por Caifáz e seu genro Anás, quando seus áulicos ou espiões lhes foram cientificar, de que Jesus pregava «muitas moradas na casa de Deus!»

«Que profanação! que heresia!» teriam exclamado êles, erguendo, em deprecações, os braços aos céus. «Casa de Deus sómente os templos sagrados, e a residência de seus ministros! sentenciaram logo! « — Êsse Jesus é um «IMPOSTOR», ou pelo menos um visionário ou louco, e nestas condições deve ser perseguido, deve ser vigiado. É homem sedicioso. E assim, séculos em fóra, os fiéis discípulos de Caifás e Anás mataram muitos cientistas, devoraram nos calabouços da inquisição os grandes mensageiros do alto, transformaram em cinzas preciosas, seis milhões de vítimas das fogueiras, com a única finalidade de continuarem como representantes de Deus na Terra, e porteiros do céu e do Inferno.

Mataram Jesus, mas êle ressurgiu mais poderoso e vivo do que nunca, e o seu martírio serviu apenas para dar vida imortal à sua doutrina. A ciência sempre amiga da Investigação da verdade, caminhou invencivelmente, regada pelo sangue de seus mártires. E agora, dois mil anos depois, tudo se esclarece, tudo se ilumina.

A psicologia demonstra que os grandes inventores e descobridores são sêres humanos dotados de alta percepção espiritual, e por essa faculdade recebem inconscientemente, conhecimento e inspirações do Alto que com facilidade transmitem para os seus Irmãos. É verdade que muitos dêsses conhecimentos são monopolizados pelos altos Senhores das riquezas com fins prejudiciais. Mas, nem os inventores ou descobridores nem os reveladores são culpados dêsses desvios. Cada um receberá o seu prêmio. Jesus recebia, segundo suas próprias palavras, as instruções divinas e as transmitia aos seus discípulos. Depois de sua morte sua atuação foi ainda muito mais poderosa, operando os milagres de coragem dos primitivos cristãos, que preferiam morrer corajosamente, que, negar a sua fé no Messias.

Voltemos às «muitas moradas na casa de nosso Pai.»

O céu azul que que nossos olhos contemplam durante o dia ou o manto estrelado que parece envolver a Terra durante a noite, é uma página inenarrável. Como êle se transformou no decurso destes dois mil anos!

O profeta Jeremias já o havia dito: «As estrêlas do céu não podem ser contadas!»

No tempo de Galileu e Voltaire este enunciado foi motivo de ridículo. O céu guardava em seu azul, tão sómente... 1.026 estrêlas!

Logo após a descoberta do Telescópio, este número subiu 1.000.000.000.000 de estrêlas! Nos relatos de Herschel diz êle que em um só ponto do céu onde fixou sua lunêta viu passar 588.000 estrêlas. Apenas em sincronismo com os movimentos da Terra passaram diante do campo de seu telescópio 258.000 estrêlas.

Revistas mais modernas sôbre astronomia dão conta da aplicação da eletrônica no telescópio. Poderá o homem construir um telescópio muito mais potente e com muito menos material ótico. Êste telescópio eletrônico revolucionará os conhecimentos sôbre o Cosmos.

Os grandes telescópios como o de BIGE AYE, já possuem um alcance de um bilhão de anos luz.

As fotografias de suas imagens, revelam para um pedaço do céu, por onde passa a nossa Via-Láctea que é o nosso Universo, uma quantidade tal de estrêlas, que difìcilmente se pode dar uma descrição compreensível. Para se ter uma idéia da quantidade dos mundos que se sucedem precisariamos recorrer a experiências físicas. Por exemplo: Tomando-se uma garrafa branca e transparente, e enchendo-se um têrço de sua capacidade com arêia purpurina, livre de impurezas, completando sua capacidade com água limpa, produzindo-se em seguida uma forte agitação no conteúdo, obtem-se a imagem aproximada daquela que se pode ver no telescópio em uma noite clara. As partículas em suspensão representam as estrêlas suspensas no Cosmo. Na imagem do telescópio os corpos celestes parecem imóveis enquanto que as partículas de purpurina, em suspensão, revelam movimentos independentes. Os mundos siderais são intensamente iluminados e parecem amontoados. Guardam entretanto distâncias fabulosas entre si. A Terra e seu satélite por exemplo que é um dos menores mundos do nosso sistema gira dentro de um raio de 40.000.000.000.000 (quarenta trilhões de quilómetros) dentro do qual não circula astro algum. Guardada esta proporcionalidade será de se admitir que a distância entre os Sóis seja de (966 trilhões de quilómetros.

Os antigos profetas, como o mesmo Jeremias, disse que as distâncias celestes não podem ser medidas.

Foi preciso criar-se a unidadde «ano luz» para se avaliar as grandezas do Cosmo. O ano luz corresponde á velocidade de 300.000 000 de metros por um foton em um SEGUNDO durante 365 dias. Os atuais telescópios alcançam a distância de um bilhão de anos luz!

Camilo Flammarion descreve muito bem as Terras do céu dando a côr de muitas delas. No telescópio se vê que há mundos das mais ricas e mais lindas côres. Os mais próximos são perfeitamente notados: Venus é azul. Marte é vermelho. Saturno é amarelo. Netuno é verde. Aldeberan é violáceo. Sirius e Véga são brancas. A estrêla Polar e a Capela são côr de ouro. Ha alguns que pulsam misteriosamente. Outros cuja luz muda de intensidade parecendo emitir ondas de luz com diferentes intensidades.

Parece o jardim de Alah, segundo a descrição oriental.

Por sôbre estas imensidades passeiam os Cometas. Astros errantes que atravessam sistemas e viajam a grandes distâncias em orbitas elongadas e periódicas. Os astrônomos afirmam que sómente na nossa Via-Láctea 200.000.000 destes cometas. No horizonte da Terra passam frequentemente uma média de 43 800. Qual será a finalidade dêstes misteriosos viajantes dos espaços siderais? Não existe um átomo da matéria que não tenha o seu poderoso sincronismo com o todo. Os cometas são corpos destinados a algum fim. Parecem beija-flôres no jardim de Deus!

Por estas noções gerais do cosmo concluimos o quanto somos pequenos. O conhecimento de nossa exata posição no mundo sideral, traz-nos a idéia da humildade de nossa condição miserável no espaço. Ocupamos um planêta relativamente pequeno, ainda em estado de evolução, gozando de um corpo muito grosseiro, onde o espírito se mergulha esquecido do passado. Nosso espírito deseja luz e conhecimento e êsses nos vêm através de inúmeras dificuldades!

Antonio Domiciano

13/4/1959.

Filosofia Viva e Racional sem o Espírito de Sistema

A posição filosófica de Kardec — Uma lição de Cassirer — A moral espírita decorre dos ensinos do Cristo

Kardec foi ou não foi um filósofo? O Espiritismo é ou não é uma filosofia, um sistema filosófico? Essas indagações vêm sendo formuladas ùltimamente, em alguns meios espíritas, diante da alegação de alguns opositores da doutrina, em sentido contrário. Justo, pois, que alguns leitores nos interpelem a respeito, tanto mais quando, ainda há pouco, houve uma referência sôbre o assunto. Por outro lado, o problema é realmente de interêsse doutrinário.

A propósito de Kardec, a primeira coisa a considerar é que êle jamais se disse filósofo ou pretendeu entrar para a galeria dos filosófos. Sua especialidade era a pedagogia, apesar de ter feito também o curso de medicina. Foi discípulo emérito de Pestalozzi e interessou-se a fundo pelos problemas pedagógicos, deixando em França numerosos livros didáticos. Apesar de sua vasta cultura, e de ser constantemente solicitado pelos meios culturais da época, o interêsse de Kardec não se voltava para as glórias humanas. Preferiu colocar o seu saber e a sua inteligência a serviço da espiritualidade.

Quanto ao Espiritismo, é indiscutível a existência de uma filosofia espírita, cujo tratado fundamental é «O Livro dos Espíritos». Neste ponto, poderiamos ver uma contradição com o que dissemos acima. Basta lembrar, porém, que «O Livro dos Espíritos» não é de Kardec, mas dos Espíritos, para vermos que não há contradição. O próprio mestre fez sempre questão de esclarecer que a filosofia espírita não foi elaborada por êle, mas pelas entidades espirituais que, sob a égide do Espírito de Verdade, lhe transmitiram a nova revelação.

Há pouco, alguém declarou, em entrevista a um jornal do norte do país, que «O Livro dos Espíritos» não pode ser considerado um livro filosófico, porque não está vazado em linguagem técnica. Seria o caso de perguntarmos se a filosofia é uma técnica de linguagem ou um processo de indagação da verdade através do pensamento. Parafraseando conhecida passagem evangélica, podemos dizer que a filosofia é senhora da linguagem técnica, e não o contrário. O que importa em «O Livro dos Espíritos» é a filosofia contida nas suas páginas, e não qualquer espécie de vocabulário técnico, da mesma maneira que o que importa no Evangelho é a sua filosofia de vida, não as suas formas de expressão.

Outra coisa de que devemos nos lembrar, é que «O Livro dos Espíritos» não se destinava a criar uma nova escola filosófica, mas a fazer uma nova revelação. Assim como, sôbre a revelação do Cristo, os homens trabalharam para construir sistemas filosóficos, assim também, sôbre a revelação do Espírito de Verdade, os filosófos poderão construir os seus sistemas. Mas da mesma maneira por que existe uma filosofia cristã, representada pelos princípios evangélicos, que transformaram o mundo, também existe uma filosofia espírita, orientando as novas transformações por que o mundo tem de passar, para que o Reino de Deus nêle se estabeleça.

Ainda hoje se discute se existe ou não uma filosofia cristã. Não é pois de estranhar que se pergunte pela filosofia espírita. Entretanto, no próprio «O Livro dos Espíritos» encontramos uma explicação de Kardec a respeito dêste assunto. Diz o mestre: «Êle foi escrito por ordem e ditado dos Espíritos Superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuizos do espírito de sistema». Como se vê, não interessava a Kardec formular um sistema filosófico no estílo clássico, aliás já superado inteiramente hoje em dia, quando se compreende que a verdade não pode ser encerrada na melhor das sistematizações humanas.

Os que não vêem filosofia no Espiritismo e não reconhecem a Kardec uma posição filosófica, em virtude de questões puramente formais, e portanto convencionais, deviam lembrar-se de que Jesus também não formulou um sistema filosófico, ao gôsto da época, e que o verdadeiro pai da filosofia grega, Sócrates, também

não se interessou por isso. Ernest Cassirer, em sua «Antropologia Filosófica», acentuando a inconveniência dos sistemas clássicos, declara: «Cada teoria se converte num leito de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar a um padrão preconcebido».

Uma das coisas que se aponta, em «O Livro dos Espíritos», como antifilosófico, é a forma didática, e particularmente a forma dialogada. Devemos lembrar, porém, que o diálogo é uma forma tradicional de exposição filosófica, e que os grandes filosófos sempre foram mestres. A pedagogia é uma parte da filosofia, e a própria filosofia é também pedagógica, segundo assinala René Hubert, acentuando: «Tôda filosofia aspira a difundir-se, a ser uma propaganda. Ter a mão cheia de verdades e conservá-la fechada é de espíritos tacanhos. O que seria, pois, uma verdade que não quisesse comunicar-se?»

De tudo o que ficou dito, conclúi-se que a posição filosófica de Kardec é inegável, embora êle nunca se dissesse filosófo; que o Espiritismo possui uma filosofia racional e livre do espírito de sistema; e, por fim, que o problema filosófico do Espiritismo é o mesmo do Cristianismo. Quanto à existência de uma ética espírita, negada por ilustre opositor da doutrina, repetimos que a moral espírita é a de Cristo, como se vê em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», e que a terceira parte de «O Livro dos Espíritos» é inteiramente dedicada ao estudo das leis morais.

IRMÃO SAULO

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

9 — Pediu-me alguns dias para responder, definitivamente, e concordou em casar comigo. Acedeu, confiante no meu caráter, esperançosa de conquistar-me pelo afeto cuidadoso, constante e grande que me dedicava.

10 — Veio para o Rio, preparar seu enxoval. Dias depois, recebi uma carta de minha futura sogra, pedindo para casar-me na Igreja Católica. Alegava que eu não lhe poderia negar o pedido, pois o casamento católico para a sua família era imprescindível, catolicíssimos que eram; ao passo que para mim era pura formalidade. A mim não seria sacrifício, cumprir uma formalidade apenas, enquanto para os seus sabia tremendo pecado a união sem a benção do padre. Carta muito bem escrita, terminando na certeza de que «eu poria têrmo àquela intraduzível aflição materna, à vista da filha em perigo tão grande».

11 — Apesar de não ser ainda naquela época espiritista de atos, era-o, no entanto, já o disse, de firme convicção; não cedi, argumentando que, assim como minha futura sogra e sua filha não poderiam abrir mão de suas convicções religiosas, como poderia fazê-lo eu, educador, já com trinta e sete anos de idade? Que juizo faria minha futura espôsa de mim, dando-lhe eu, ainda, o direito de esperar de mim outras transigências futuras? Marília precisava saber que seu noivo seria um marido chefe de família, como o fôra desde muito moço; um chefe de família é a cabeça da casa; não era possível começar a vida abaixando, de maneira tão humilhante, a cerviz. Mòrmente em se tratando de mim que nunca fôra homem de abaixá-la...

12 — Dias depois, recebi carta de Marília, dando-me notícia do andamento do enxoval, sem, nem de leve, tocar na minha carta e em casamento católico. Não se falou mais no assunto e casâmonos a trinta e um de dezembro do ano de mil novecentos e vinte sete. O Almirante e sua espôsa foram meus padrinhos, escolhendo-os em grande prova de amizade e gratidão.

13 — As comemorações nupciais constaram, apenas, de um almôço íntimo. Fomos saudados pelo padrinho da noiva, seu primo Dr. José Olegário de Abreu, já falecido. Respondendo-lhe, com poucas palavras, disse do meu desejo de tornar feliz aquela que escolhera para companheira de alegrias e lutas.

14 — Depois de uns dias agrada-

bilíssimos em Petrópolis, retornamos à Paraíba do Sul para continuarmos, ao lado de minha mãe e irmã, na labuta diária.

15 — Passadas as férias, muitas alunas casadoiras compareceram, fisionomia fechada, às aulas. Não nos tratavam mais com a afabilidade antiga. Muitas, porém não tôdas, felizmente.

—

16 — Comecei vida nova. Livre daquele cêrco matrimonial enervante, respirava satisfeito e aliviado.

17 — A nossa vida de trabalho continuava a mesma, idealista e operosa. Marília gostava de dansar, passear, divertir-se, carnaval. Jamais a proibi de nada. Minha irmã estava sempre disposta a tudo isto, mas ela foi, voluntariamente, se afastando de tudo por minha causa. Só sentia satisfação em passeios, quando o fazia comigo. Apenas dansava nas nossas festinhas do Colégio e, sempre se conservou ótima dama. Dansava com todos. Nunca fui de ciúmes doentios.

18 — Era excelente dona de casa. Sabia fazer tudo. Bordava, pintava, declamava, era ótima artista teatral. Cosinheira de forno e fogão. Mãos de fada para trabalhos de agulha, só não conseguira nunca fazer vestidos.

19 — Realizamos, como já disse, ótimas festas teatrais que deixaram saudades no lugar. Ela ensaiava e representava. Ao lado de minha irmã, representou várias peças minhas e de outros autores, para agrado geral.

20 — Não perdiamos um minuto. Nas horas de folga, organizávamos miscelâneas de artigos e poesias de autores célebres, tirados dos jornais e revistas. Chegamos a completar treze miscelâneas cujas capas, em pano vitória, feitas por ela, tinham as minhas iniciais, ao lado de caprichados desenhos. Arrumávamos, também, nossas fotografias, em albuns, com capas idênticas, por ordem cronológica.

21 — Dr. Agnel Mafra insistiu comigo para comparecer a uma reunião, prática, em casa de um amigo seu. Esperava êle que desta reunião saisse o centro espírita local. Não fizemos outra, o centro espírita não saiu. Era eu, repito, mais uma vez, espiritista de convicções, sòmente; não de atos.

22 Tempos depois, em Nova Iguaçu, fui convidado pelo mesmo Dr. Agnel, para uma conferência no centro espírita de Paraíba do Sul, já em plena atividade. Pouca assistência. Nem o signatário do convite compareceu. Fui acompanhado de irmãos queridos de Juiz de Fóra e Três Rios.

—

23 — Meus nervos e meu fígado começaram a gritar. Nenhum professor bom suportava Paraíba. Só me apareciam para ficar maus mestres, ou doentes em busca de cura. O Almirante, deslealmente, mandou-me desequilibrados sem me dizer nada. Vi me com a Marília, Leopoldina, Hildebrando Lemos, suportando o pêso do Colégio inteiro. As duas eram professôras primárias. Eu e Hildebrando não podíamos lecionar tôdas as matérias nas diversas séries. Aliás, êste era desconfiadíssimo e se zangava facilmente. Só Marília lhe dissipava as desconfianças. Comecei a emagrecer, perder o apetite. Escrevi ao Almirante queixando-me de suas deslealdades e dizendo não podia continuar na direção, com aquela situação.

24 — Entrementes, espíritos obcessores passaram a perseguir Marília, ainda católica, garantindo que me poriam fora da cidade.

25 — José, meu irmão, apanhara forte iterícia. Achando que Dr. Agnel Mafra não estava acertando com sua moléstia, deixou-nos. Veio para o Rio, depois de se queixar de que barulhos infernais não o deixavam dormir à noite. Não recebemos uma notícia sua enquanto lá estivemos. Mais uma falta: era êle o inspetor de disciplina.

26 — Marília perdeu sua irmã — Zilá. Morte inesperada, que abalou demais a família. Parto, morrendo a criança também.

27 — Nesta ocasião, Marília esteve com a senhora do Almirante, que se pôs a elogiar o diretor atual do Colégio Nacional do Rio, coronel Garcez, não falou no meu nome, nem em Paraíba do Sul. Aborrecera-se com minhas queixas justas ao marido.

28 — Esta conversa aumentou o meu aborrecimento e longa carta ao Almirante foi a portadora do meu desapontamento, tanto mais que Marília, alquebrada com a perda da irmã, chegou ao auge do desespêro com a conversa de D. Biosa.

29 — Foi fria a resposta dêle. Com-

preendi que começavam a esfriar nossas relações. Funda decepção sofri. Não era possível que não entendesse os embaraços horrorosos por que passávamos em Paraíba; que não visse o meu emagrecimento; que não compreendesse mas eu não poderia continuar sem professôres. A falta dêstes repercutia sôbre mim. Sôbre mim recaíam as queixas dos alunos, dos pais, tôdas as revoltas.

30 — Tinhamos pedido o reconhecimento de nossa Escola Normal; o Govêrno negou-o, não sei porque. Êste fato trouxe mais descontentamento dos discentes e suas famílias.

31 — Um raio de alento bafejou-nos, com o reconhecimento da Escola de Comércio. O inspetor que devia responder pelos primeiros exames, entrou no Colégio para dar ordem de início dos mesmos, saindo na mesma hora porque o automóvel o esperara à porta para levá-lo ao hotel. Disse que estava cansado da viagem e precisava dormir. Não apareceu mais lá. Dormiu os três dias em que se realizaram os exames e ainda o tivemos de pegar na estação, à hora do trem, esfregando os olhos, para assinar as atas. Não cito o seu nome por dever cristão. É, atualmente e já o era naquela ocasião, escritor conceituado e conhecidíssimo no Brasil inteiro. O comportamento dêste homem encheu-me de revolta. Faltava pouco para minha explosão.

32 — Para inspecionar o estabelecimento, foi, graças a Deus, nomeado o dr. Mariano de Oliveira, irmão do saudoso poeta Alberto de Oliveira. Também poeta, cumpridor de seus deveres, ficámos ótimos amigos.

—

33 — Tive a ventura de ver, nomeado pelo Govêrno, para fazer parte de nossos exames finais de mil novecentos e vinte oito, dr. Allan Kardec Pinto de Campos, amigo e correligionário, de família reconhecidamente espírita. Convidou-me para seu casamento, pasmando-me eu quando soube que ia se casar na Igreja Católica.

34 — Profilguei lhe a atitude, lamentando sua quebra de personalidade e convicção. Garanti lhe que começava a vida matrimonial deixando-se dominar. «Não vá sua espôsa, depois, tentar dominá-lo em tudo. Se você se submete em questão religiosa, quanto mais no resto. Está lhe dando as rédeas do govêrno da casa» — disse-lhe eu.

35 — Protestou, apaixonadíssimo como estava. Sua deusa era moça fina, intelectual, incapaz de tentar o que eu insinuava. Só exigia o casamento católico porque era fervorosa na sua crença. E agastou-se comigo...

36. — Nunca disse coisa mais certa na minha vida. Realizou-se tudo como eu previra. Meu pobre amigo não poude suportar o autoritarismo da mulher. Separaram-se.

Meditações Sôbre a Alma e a Morte

DOMÉRIO DE OLIVEIRA — *da U. M. E. de Catanduva*

O primeiro juizo das antigas gerações foi o de que o ser humano vivia no túmulo, que a alma se não separava do corpo e se fixava em aquela parte do solo onde estivessem enterrado os ossos. O homem não tinha quaisquer contas a prestar de sua vida anterior. Uma vez encerrado no túmulo não tinha a esperar nem por recompensa, nem por castigos. Opinião, certamente, grosseira, mas o dealbar da noção rude de uma vida futura. Estas velhas crenças, em virtude das quais, depositavam-se sôbre as campas, alimentos, indumentárias, objetos, persistiram longo tempo e a sua expressão encontra-se ainda entre os grandes escritores da Magna Grécia. Narra-nos — Ésquilo — o criador da tragédia grega, em sua monumental obra «Caéforos» a oração que Orestes dirige ao seu pai morto: «Oh! meu pai, se eu viver, receberás ricos banquetes, mas se eu morrer, não tomarás mais a tua parte nos repastos deliciosos de que se nutrem os mortos».

Entre os gregos, em frente de cada túmulo, havia um lugar destinado à imolação da vítima e à cocção da sua carne. O túmulo romano tinha mesmo a sua cozinha, num gênero particular e ùnicamente destinada ao uso do morto. Estas cren-

ças são muito antigas e parecem-nos muito falsas e por vêzes ridículas. No entanto, exerceram autoridade sôbre o homem. Durante largo número de gerações, governaram as almas, regeram sociedades. A maior parte das instituições domésticas calcaram seus costumes neste ritualismo exótico. Desde os recuados tempos, deram estas crenças lugar a regras de conduta. O cuidado de levar aos mortos os alimentos não esteve a cargo do capricho ou dos sentimentos variáveis dos homens, foi obrigatório. Assim se estabeleceu tôda uma religião da morte, cujos dogmas cedo desapareceram, durando, no entanto, os seus ritos até ao triunfo do Cristianismo. Os mortos eram tidos como entes sagrados. Os antigos davam-lhes os epítetos mais respeitosos que podiam encontrar; chamavam lhes bons, santos, bem-aventurados. Tinham por êles tôda a veneração que o homem pode ter pela divindade que ama, ou que receia. Para aquêles antigos, cada morto era um Deus. Esta espécie de apoteóse não era sòmente apanágio dos grandes homens; entre os mortos não havia distinção de pessoa.

Cícero, o imortal orador latino, diz:

«Os nossos antepassados quiseram que os homens que tivessem deixado esta vida, fôssem contados no número dos deuses».

Não era mesmo necessário ter sido homem virtuoso, tanto era Deus o mau como o homem de bem; sòmente o mau continuaria na segunda existência com tôdas as más inclinações que revelara durante a primeira vida. Os gregos davam de bom grado, aos mortos, o nome de Deuses subterrâneos. Em Ésquilo, um filho invoca seu falecido pai com estas palavras: «Oh! tu que és um Deus sob a terra.» Os Romanos davam aos mortos o nome de «Deuses Manes». Os túmulos eram os templos dessas divindades. Por isso, tinham a inscrição sacramental: «Dis Manibus».

No túmulo o Deus vivia enterrado — no dizer de Virgílio: «menesque sepulti». Contemplamos êste culto dos mortos entre os Helenos, os Latinos, os Sabinos e entre os Etruscos; encontrâmo-lo também na Índia entre os Árias. Os hinos do Rig — Veda referem-se-lhes. O livro das leis de manu, conhecido em Direito còmo o Código de Manu, fala dêste culto como sendo o mais antigo professado pelos homens. Cumpre salientar que no mesmo Código de Manu já se pode vislumbrar a idéia da metempsicose que suplantou o culto dos mortos. Esta idéia da metempsicose filia-se à religião de Brahma que explicava a transmigração das almas de um para outro corpo. Apesar desta crença mais lógica e mais convincente, em nossos dias, mesmo depois de tantos séculos passados e de tantas revoluções, os Indús continuam fazendo «referenda» aos antepassados.

Estas idéias e êstes ritos são o que de mais persistente e de mais antigo houve na raça indo-européia. O culto na Índia estava tão presente como na Grécia e na Itália. O Indú devia oferecer aos manes a refeição que chamava — «Sraddha». Acreditava-se, ainda, que esta refeição dava aos mortos uma grata alegria.

Assim, primitivamente, os Árias do Oriente pensaram como os Ocidentais sôbre o mistério do destino depois da morte. Antes de acreditarem na metempsicose, acreditaram na vaga e indecisa existência do ser humano, invisível, mas não imaterial, reclamando dos mortais alimentos e bebidas. Os japonsêes, ainda hoje, conservam o velho hábito de levarem comida aos seus familiares mortos e a depositam sôbre as campas solitárias, na certeza de que os mesmos irão se beneficiar do alimento alí depositado.

Esta religião dos mortos parece ter sido a mais antiga que existiu entre o povo asiático. Antes de conceber e de adorar a Indra ou a Zeus, o homem adorou os mortos; teve-lhe mêdo e dirigiu-lhes preces. Parece-nos que o sentimento religioso do homem começou por êste culto. Foi, talvez, por via da morte, que o homem pela vez primeira teve a idéia dos fenômenos sobrenaturais e quís para si mais do que lhe era legítimo esperar da sua qualidade de homem. A morte teria sido o seu primeiro passo para o mistério, colocando o homem no caminho de outros mistérios. Elevou o pensamento do visível para o invisível, do transitório para o eterno, do humano ao divino. E, assim, foi caminhando o homem, através múltiplos ciclos evolucionários, passando, como vimos, por polimorfas crenças, desde os Vedas, o Brahmanismo, o Budismo, até a eclosão do Cristianismo, com a vinda do Cristo ao mundo. Já, nesta altura, a humanidade iria presenciar uma nova aurora de imorredoura claridade.

Entre os grandes missionários—Cristo, o primeiro de todos, comunicou às

multidões as verdades sôbre a vida, a alma e a morte. Algumas vêzes, Cristo resumia as verdades eternas em imagens grandiosas, em traços brilhantes. Nem sempre os apóstolos o compreendiam, mas êle deixava aos séculos e aos acontecimentos o cuidado de fazer frutificar êsses princípios na consciência da humanidade, como a chuva e o sol fazem germinar a semente confiada à terra.

Foi Cristo que interpelado por Pilatos respondeu :

«O meu reino não é dêste mundo; se o meu reino fôsse dêste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu fôsse entregue aos Judeus; mas agora não é daquí o meu reino» (S. João, Cap. XVIII, 33/37).

Ora se Cristo afirmou que o seu reino não era dêste mundo e se o mesmo Cristo disse que ninguém iria ao Pai a não ser por Êle, aquí está a solução do problema escudado na certeza da vida futura— a vida do espírito.

Também foi Cristo quem assegurou aos seus discípulos o fenômeno da reencarnação, quando lhes disse categòricamente :

«Se vós quereis bem compreender João Batista é o Elias que há de vir» (S. Mateus, Cap. XI, 14/15).

Essas assestivas do Mestre rolaram para os braços do «Cronos» e nesse sentido Êle se exprimiu magníficamente :

«Passarão o céu e a terra, porém não as minhas palavras».

E as palavras de Cristo e os ensinamentos de Cristo atravessaram as barreiras do tempo e do espaço, mostrando à humanidade a fugacidade aterradora da vida material e a eternidade da vida do espírito pelos múltiplos ciclos evolucionários através das múltiplas reencarnações.

Quanto à morte esta é para a doutrina de Kardec, uma mutação comum, um fenômeno naturalíssimo, obedecendo às próprias leis físicas e químicas da natureza. A morte para o espiritismo é transformação que implica no desgaste da matéria indo esta integrar outras substâncias do sub-solo e a ascenção do espírito no seu ciclo evolucionário. Quanto à alma, assim denominada por muitas religiões e por nós espiritistas — espírito — é imortal, porém, não estacionária, pois, está sempre em progresso, evolvendo-se, aperfeiçoando-se como tudo o que existe no Universo.

Da teoria Ubaldiana que coloca o problema da evolução na célebre trilogia — matéria bruta, energia e pensamento puro, podemos verificar que os espíritos são faúlhas dinâmicas que vêm de uma longa caminhada, no seu heliotropismo natural, procurando o sol da divindade.

Assim, os homens são inferiores ou superiores aos outros, mentalmente, segundo sejam menos ou mais evolvidos os espíritos que Nêles habitam temporàriamente. Quando o espírito se torna superior ao do mais nobre dos homens, vai para um plano de vida mais alto, não mais voltando a tomar o fardo pesado da matéria.

Em síntese, não encontramos melhor conceito para a morte, do que o que nos deu Castro Alves através da pena maravilhosa do nosso querido Francisco Cândido Xavier :

«A morte é transformação
Tudo em seu seio revive
Esparta, Tebas, Ninive,
Em queda descomunal.
E como faz às cidades,
Remodela humanidades
No progresso universal».

A morte para a doutrina espírita é porta que fecha um cubículo e que abre uma amplidão. Por esta porta, todos deverão passar, os bons e os maus, os justos e os injustos. Nela, também, há dois mil anos, passou o nosso Mestre Jesus. «AD MORTEM AD VITAM» — e antes de cruzarmos o seu pórtico, precisamos, em todos os momentos de nossa vida, lembrarmo-nos de Cristo e a Êle implorarmos a sua misericórdia.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo enderêço ; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espiritismo, uma Avaliação

Mac Maynard

MAIS um livro contra o Espiritismo, agora do Rev. Julio Andrade Ferreira: O ESPIRITISMO, uma avaliação; Casa Editôra Presbiteriana, São Paulo, — 182 páginas, incluindo Bibliografia.

Da reunião dos bispos católicos ficou assentado assestar a bateria contra o Espiritismo, quer dizer com isso que o Espiritismo está na mira de católicos e protestantes; deve estar incomodando muita gente! Pudera, os teólogos não percebem que estamos no Século XX, pensam ainda que religião é profissão rendosa... em terra de ignorante ainda é bom comércio.

Inicialmente o Rev. Julio Andrade Ferreira quer entrar no terreno científico do Espiritismo, mas falece autoridade científica e experimental ao teólogo. Isso já é dos outros quinhentos cruzeiros...

Atendendo ao apêlo dos bispos, o Rev. Julio Andrade Ferreira veiu com a sua contribuiçãozinho, com a sua espoletinha contra a Doutrina Espírita.

Vamos hoje dar uma olhadela no capítulo V, página 133: «O «CRISTIANISMO» ESPÍRITA E SUA FALSIDADE».

Quando saíu a obra do Rev. Jeronimo Gueiros «ESPIRITISMO ANALISADO», um Rev. disse-me: —«aquí está a morte do Espiritismo, êste livro pulverisou a Doutrina Espírita». Mau profeta êsse Rev., o Espiritismo continua firme, progredindo sempre, tal é a lei... E tanto que não ficou pulverizado, como é do desejo dos Reverendos católicos e protestantes (ao menos nesta parte estão de acôrdo) que saíu mais esta obra do Rev. Julio.

Nada de novo, nenhuma contribuição à causa anti-espírita trouxe o livro do Rev. Julio Andrade Ferreira, bibliografia paupérrima, como se vê, o nosso irmão não está com os seus conhecimentos atualizados sôbre a Doutrina Espírita, falta muita coisa ainda.

O estilo de argumentação é sempre o mesmo, isto é, o processo jesuita, citações truncadas, pela metade, capciosas. Compreendemos, pois de outra maneira é difícil...

Uma amostrazinha do pano jesuita. Na página 134 lemos: — «DEUS: Deus, no sistema espírita é eterno, imutável e infinito em suas perfeições. Apesar disso, seu conceito diverge do evangélico, visto que o Espiritismo nega a doutrina da Santíssima Trindade, opondo-se à personalidade do Espírito Santo, e, por outro lado, combatendo a divindade de Jesus Cristo, a quem consideram espírito superior, mas não da mesma essência que o Pai.

Tratando das qualidades de Deus, Kardec define: — «Deus é imaterial». Mas depois, definindo a constituição da alma Kardec nega sua imaterialidade, alegando que o imaterial é o nada, ao passo que a alma é alguma coisa. Temos então isto: «Deus é imaterial».

O imaterial é o nada.

Logo, Deus é o nada. (Apud E. Kerr — «Cristianismo e Espiritismo», 29).

O Espiritismo, aliás, não dá ênfase alguma à personalidade de Deus, e quase sempre a ignora.

Vejam-se os seguintes textos: — Jeremias 10:10, João 4:4, Exôdo 3:14, Lucas 15:11-32, Salmo 103:2-13 e Isaias 63:6».

Há êrro de impressão e revisão.

Vejamos Kardec, a parte citada pelo Rev. Julio Andrade Ferreira S. J.

Livro dos Espíritos, pergunta n.º 13 — «Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, *imaterial*, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos idéia completa de seus atributos?» Essa é a pergunta feita por Kardec. Agora a resposta dada pelos Espíritos: — «Do vosso ponto de vista, sim, porque crêdes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas idéias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo es-

sas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fôsse infinita, já êle não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de tôdas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber».

Comenta Kardec: — «Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.

É imutável. — Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

É *imaterial*. — quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, êle não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único. — Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É Onipotente. — Êle o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto êle, que então não teria feito tôdas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. — A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus».

Cotejemos ainda. Vejamos sôbre a alma que é nada, segundo o jesuita:

«Que é Espírito?» pergunta feita por Kardec. Respondem os Espíritos: — «O princípio inteligente do Universo». Pergunta Kardec: — «Qual a natureza íntima do Espírito?» Respondem os Espíritos: — «Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, êle nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe».

Avaliação fazemos nós das citações do jesuita, trasncrevemos para que a «Avaliação» seja comprovada. Houve ou não má fé comprovada? É ou não puro jesuitismo? Ao menos nisso os reverendos estão de acôrdo: no sistema imoral de argumentação. E querem dizer que o Espiritismo é imoral...

Diz o Rev. Julio Andrade Ferreira, jesuita amador, que o Espiritismo não dá ênfase à personalidade de Deus, e quase sempre a ignora. E dá umas citações da Biblia para ensinar os espíritas o que é a «personalidade» de Deus.

Conheçamos a «personalidade» do Deus do Rev, Julio. Vejamos Jeremias 10:10 — «Mas o Senhor Deus é a verdade; êle mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno; do seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a sua indignação».

Êsse deus furioso que apresenta o Rev. Julio Andrade Ferreira positivamente não é o Deus dos Espíritas. O Rev. Julio fala em metapsíquica, não seria êsse deus furioso, duro de suportar, indignado, um doente mental? Esquisofrenico? Não, Rev. essa personalidade não convence, muito furioso para que creiamos nêle.

Vejamos Exôdo 3:14: «Disse Deus a Moisés: Eu sou o que sou». O Rev. entende isso? É grande demais para entendermos, não é? Em todo caso, o que ficou dito atrás sôbre Deus, transcrição de Kardec, pode-se tirar uma idéia mais ou menos...

Vejamos outra citação do Rev. Julio: — Isaias, 63:6 — «E pisei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu furor; e a sua fôrça derribei por terra».

Positivamente, Rev. Julio Andrade Ferreira, êsse deus não é muito bonzinho... Quando um indivíduo assume essa atitude, nós chamamos de obsedado, e querem dizer que os Espíritas que fazem loucos... Nós curamos loucos, mas não apresentamos um deus com tôdas as características da esquisofrenia como os protestantes e católicos. Veja o que foi dito sôbre Deus, veja se enquadra ali um tipo psicopata como o seu deus, furioso, sádico!

Os Espíritas ficam com o que revelou Jesus, embora os senhores da «verdade» (que pretensão...) achem que não sejamos cristãos: — Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. João, 4:24. Nesse DEUS crêem os espíritas, quer dizer, no DEUS apresentado por Jesus. Compare êsse DEUS com o que ficou transcrito de Kardec.

Os protestantes falam muito na personalidade de Deus como se o conhecessem. Citam a Bíblia a torto e a direito, não percebem que dentro da própria Bíblia existe concepção diferente de Deus: confrontar o velho e novo testamento, tudo fica claro... Tudo tem sua época, tudo evolúe.

Oportunamente voltaremos ao assunto. Hoje tocamos no assunto apenas para mostrar que combater o Espiritismo pelo processo jesuita é muito fácil, muito cômodo.

Os Reverendos timbram em dizer que o Espiritismo é imoral...

Av. das Mangueiras, 134
Tatuí — S. P.

Crônica Estrangeira

Sessão num Aeroplano

Uma aventura mais fantástica do que a própria Morte

Sir Arthur Conan Doyle nunca esteve tanto em evidência como após a sua morte. É que o seu espírito jamais deixou de revelar-se, sessão a sessão, voltando para nos demonstrar a sua sobrevivência, pedindo, mesmo suplicando que com êle se mantivesse o contacto que tivemos com a sua vida admirável e fornecendo aquelas provas de que os céptícos ainda necessitam. Mas, sem dúvida, a mais extraordinária reunião em que apareceu realizou-se numa aeronave — o que lhe fez dizer:

— Eis uma aventura mais fantástica do que a própria morte!

Com efeito, a sua voz foi ouvida no escuro da cabina dum aeroplano, a 2 quilómetros de Nova Iorque. E êste inédito encontro foi planeado por John Goldstrom, autor da «História da Aviação Americana» que entrevistara Doyle 12 anos antes. Nessa entrevista uma das perguntas fôra: «Sir Doyle, já pensou alguma vez em experiências psíquicas feitas a bordo dum avião?»

A esta pergunta o escritor respondeu que jamais o pensara, mas que temia que os ruídos perturbassem o médium. E o caso ficou por aqui, até que em 1935, cinco anos após a morte de Doyle, Goldstrom assistiu a uma sessão em Nova Iorque, na companhia de Frank Decker e ali escutou a inconfundível voz do escritor, até então jamais ouvida do Além, perguntando-lhe se era o jornalista que o entrevistara. Goldstrom aproveitou a oportunidade para perguntar se se lembrava da sua sugestão e se consentia em experimentá-la — no que Doyle concordou.

Feitos os preparativos, Miss Maina L. Tafe foi a médium escolhida, por Decker estar ocupado, e assim, determinada noite, um transporte «Douglas» decolou para voar sôbre a imensa Nova Iorque, chamejante de luzes. A única particularidade no arranjo interior consistia no obscurecimento da cabina para evitar os raios da Lua e o fulgor das estrêlas. A assistência compunha-se apenas de espíritas de renome.

Quando Doyle voltou a comunicar, Goldstrom identificou novamente a sua voz inconfundível, quando afirmou:

— Eis uma aventura mais fantástica do que a própria morte! Pensar que nos encontramos aqui juntos, voando sôbre a ciclópica Nova Iorque! É maravilhoso!

Provas

No final da sessão, quando já outros famosos comunicantes tinham falado, o espírito de Doyle voltou de novo. Desta vez dirigiu-se a Arthur Ford, notável médium americano, que ajudara Goldstrom a preparar a sessão. Ford perguntou logo ao grande escritor se êle se lembrava em que local o encontrara a última vez e quem estava presente.

— Lembro-me muito bem — respondeu Doyle — foi após a experiência de Cantlon, no meu hotel. David Gow encontrava-se presente.

Era exato e o conhecido médium declarou após a inédita experiência que, além da voz ser exatamente aquela que caracterizava na Terra o grande mestre da ficção, o fato de se ter podido ouvir num aeroplano demonstrava que a altitu-

de não tinha efeitos apreciáveis nos fenômenos psíquicos e que nessa atmosfera isenta de vibrações terrestres as vozes eram muito mais claras.

No caso de Conan Doyle, quando o seu espírito se aproximou da Terra, a sua metafísica intervenção salvou duas vêzes a vida de seu filho mais velho, Denis, no tempo em que era corredor de automóveis. Quando David Bedbrook lhe transmitiu o primeiro aviso, os mecânicos examinaram atentamente o sistema de condução do carro e verificaram que um parafuso estava gasto e apenas seguro pela última volta da rôsca.

E foi o próprio Denis que declarou:

— Se eu tivesse guiado o carro à velocidade prevista só podia ter obtido um resultado: no primeiro aumento de velocidade máxima o eixo ter-se-ia partido e eu sofreria um choque desastroso e inevitável.

No segundo caso Denis recebeu uma mensagem espírita de seu pai, dizendo-lhe que não comprasse o novo carro que pretendia e que se verificou ter um grave defeito que conduziria à morte o desportista, se êle houvesse entrado na competição internacional.

A Chave

Mas dentre tôdas as provas evidentes da sua sobrevivência e da comunicação com a Terra, uma das maiores é dada através de uma mulher desconhecida de sua família com quem Sir Arthur tomou contacto — transportando durante 70 quilómetros a chave da porta do seu gabinete fechado! O caso passou-se desta forma:

Aproximadamente um mês após o trespasse do escritor, uma senhora escocêsa, Mrs. Caird Miller, que só recentemente começara a desenvolver os seus extraordinários dotes de clariaudiente, ouviu um espírito dizer-lhe:

— O meu nome é Arthur Conan Doyle; pretendo comunicar com minha espôsa e transmitir-lhe uma mensagem.

Como a senhora jamais conhecera Doyle ou sua família pediu-lhe então uma prova da sua identidade, ao que êle respondeu fornecendo-lhe as iniciais de todos os membros de sua casa e o número do telefone de sua mulher, o qual — acrescentou — não encontraria na lista, porque se tratava do número privativo da sua moradia em New Forest.

A médium telefonou imediatamente para o número indicado, sendo logo atendida por Lady Doyle que, ao tempo, como de resto todos os membros da família, se via aflita com a quantidade de pretensas mensagens espíritas vindas de todo o mundo e por isso insistiu por mais provas.

A médium perguntou então ao espírito do grande romancista o que deveria fazer.

— Procure a sr.ª Deane e eu aparecerei na fotografia que ela tirar.

Efetivamente, depois da pose, a fotografia fiel e indiscutível de Conan Doyle aparecia sôbre a cabeça da sr.ª Miller. Mas Lady Doyle, ainda que reconhecendo o fato, quis mais provas — que, aliás, lhe foram dadas, quando a sr.ª Miler encontrou na casa que habitava em Londres uma chave escondida sob o travesseiro. E ainda hoje é um mistério como ali chegara, se bem que a voz de Doyle lhe dissesse nessa noite:

— Essa chave é minha e pertence ao meu gabinete em Crowborough que sempre conservei fechado. Envie-a a meu filho Denis.

A sr.ª Miller telefonou a Denis Conan Doyle e contou-lhe o sucedido. O desportista imediatamente se dirigiu de Crowborough, no Sussex, para, Londres, a fim de recolher a chave e, com grande satisfação da sr.ª Miller, telefonou-lhe mais tarde, dizendo que, na realidade, a chave se ajustava perfeitamente à fechadura do gabinete de seu pai!

Repetidas vêzes, dêste ou daquele modo, através de muitos médiuns, Sir Arthur Conan Doyle pôs a sua assinatura espiritual em muitas comunicações. E sua espôsa sempre dizia:

— Eu e meus filhos recebemos a maior prova de que o amor e o carinho de meu marido por nós continua vivo. A sensação da sua presença e do seu poder para nos guiar e ajudar é uma fonte de indescritível energia, no sentido de enfrentarmos as dificuldades da existência.

Seu filho Denis igualmente afirmou:

— Em muitas ocasiões críticas recebi os conselhos de meu pai, vindos do Além, e nunca sairam errados. Nesses momentos, se eu os não seguisse, muito teria que lamentar.

No centenário do nascimento do grande novelista e do espírita convicto

que foi Sir Arthur Conan Doyle, nem Lady Doyle, nem seu filho Denis poderão assistir às homenagens que o mundo inteiro lhe prestará. Ambos morreram já. Mas, no mundo dos espíritos, mais uma vez reunidos, poderão celebrar a data assinalada com o maior espírita — justamente Sir Arthur Conan Doyle, o magnífico escritor, o fervoroso espírita e o grande comunicante do Além.

Traduzido de «Two Worlds» de 23 de maio e publicado por «Estudos Psíquicos» de Julho de 1959.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Festa de «O Clarim»

A tradicional festinha, de 15 de agosto, de «O Clarim», foi êste ano levada a efeito com o êxito desejado. Confrades das cidades vizinhas e de localidades distantes, como de costume, concorreram em grande número para o brilho da verdadeira concentração de espíritas em Matão, superlotando a sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», que mais uma vez pôde promover a simpática solenidade de aniversário do jornal fundado por Caírbar Schutel em 15 de agosto de 1905.

Desde a véspera começaram a chegar os visitantes que vieram prestar a sua homenagem ao orgão pioneiro da propaganda espírita no Estado de São Paulo, aos quais, além da acolhida fraternal, foi oferecida a hospedagem costumeira.

Desta vez, a festa comemorativa teve o concurso de J. Herculano Pires, como orador oficialmente convidado. A sessão, que foi presidida pelo confrade Carlos Vital Olson, teve início ás 20 horas, quando o presidente, após a abertura dos trabalhos, concedeu a palavra a Angelo Watson Campêlo para a apresentação do orador, feita em rápidas explicações sôbre a data e a personalidade do conferencista.

Herculano Pires, com a palavra, falou, durante hora e meia, expondo e analizando a obra e a vida de Cairbar Schutel, à luz dos princípios da doutrina espírita, estendendo-se, sempre com amplos e seguros conhecimentos, sôbre o aparecimento e as realizações de Allan Kardec, nos meados do século passado, incluindo, ainda, um estudo demorado a respeito de Jesus e da doutrina cristã, e demonstrando, afinal, a relação lógica dos três grandes movimentos históricos, o do Cristo, na Palestina; o de Kardec, na França; e o de Cairbar Schutel, em São Paulo, para o Brasil; todos objetivando a transformação moral do Mundo no sentido de sua espiritualização. O orador foi ouvido com a máxima atenção pela numerosa assistência e vivamente aplaudido ao encerrar a sua substanciosa conferência.

Depois foi dada a palavra aos seguintes representantes de várias cidades: Leonardo Severino, de Monte Azul Paulista; Leonardo Chagas, de Pindorama; Aldo Arlanch, de Brotas; Dulcidio Rodrigues, de Marinópolis; Augusto Saturnino Vilela, de Palmeira D'Oeste; Dante Ferrioli, de Marília; José Balbino Cardoso e Luiz Luccas, de Araraquara; Francisco Volpe e Pedro Volpe, de Jaboticabal; Alfredo Pagliarini, de São Paulo; José Valim, de Jatobá e dr. Domério de Oliveira, de Catanduva.

Todos os oradores, muito breves em suas manifestações, foram alvos de calorosos aplausos.

A pedido de José Valim, Herculano Pires transmitiu à assistência o convite de Elpidio Moreira, presidente do Centro Espírita de Penápolis, para que todos os presentes comparecessem à inauguração do Hospital Espírita daquela cidade da Noroeste, a qual se dará no dia 6 de setembro próximo.

—

Além dos nomes acima, estiveram presentes mais os seguintes visitantes: Manoel Munhoz Augusto, João Marin Olmo, João Toledo, de Marinópolis; José Destefano, Herculano Ferraz Pires, Alexandre Soares Barbosa Filho, Henrique Lopasso, Lucia Helena, Orlando Bertachini, Damiano Mazotti, Carmen Silveira Perches, Livia Feloni, Eva Maria Delaqua, Eduarda Santini Delaqua, Esmeralda de Souza, Carlos Penteado, Antonio Delaqua, Antonio Dentillo, João Mendes da Silva, Francisco Ca-

se Junior, Domingo de Marzo, Luiz R. Parreiras, Yoshimi Yano, Amélia Ferreira, Maria Helena Boner, Milton Lopasso, Helga B. Lopasso, Brasilia de Paula Oliveira, Matilde Camargo, J. Barbosa Areias, Virginia Ferraz Pires, Helenilda Ferraz Pires, Helena Ferraz Pires, Dorothy Costa Dentillo, de Araraquara; Luiz Pizolito, Valdomiro Luchesi, de Pindorama; Elvira M. da Silva, Jumara Mendes da Silva, de São Paulo; Carlos Geraldo e Henrique Marques Maduro, de Brotas; Nivia Volpe Soares, Renato Mattos Soares, Alzira Maria Volpe Soares, Nidia Bastos Volpe, Silvia dos Santos Faccini, Adelia Portela Volpe, Eliana Santos Faccini, José Pedro Volpe Soares, Vicente Gerbasi, América B. Gerbasi e Aparecido Campi, de Jaboticabal; dr. José Bardo, Vitorio Zeviani e Michel Bauab, de Catanduva.

Cartas e Telegramas

Por cartas e telegramas a nossa redação recebeu felicitações e outras manifestações de simpatia dos seguintes confrades: André Fernandes, de Loanda; Cesar Bianchi e Onofre Baptista, de Itapira; Antonio Torres, de Londrina; Hugo Gonçalves, de Cambé; Benedito Daniel, de Ribeirão Preto; Benedito Antonio Dias, de Brotas, José Alfredo de Lara, de Itaqueri da Serra; Grupo Espírita «Fora da Caridade não há Salvação» e João Eudóxio da Silva, de Piracicaba; Zacarias Onofre, de Bauru; José Corrêa Afonso, de Lavras; Cyra de Oliveira, de Americana; José F. Sacramento, de Caxambú; Eny Carvalho de Oliveira, de Poços de Caldas.

A todos nossos sinceros agradecimentos com votos de felicidade.

Terceira Semana Espírita de Amparo

e 7.a Concentração Confraternativa da 3.a Região da U. S. E.

Transcorreram animados os dias consagrados a realização dêsse importante certame de espiritualidade levado a efeito pela União Municipal Espírita, daquela progressiva cidade da baixa Mogiana. de 13 a 19 de julho.

Grande foi o número de pessoas de outras localidades que estiveram cooperando com a família espírita amparense.

Tôdas as solenidades programadas alcançaram pleno êxito, sendo os seguintes os oradores que tomaram parte nesse conclave espiritista: Dr. Luiz Francisco Giglio, Dr. José Carlos de Camargo Ferraz, Prof. Anselmo Gomes, Prof.ª Elizabeth Steagall, Dr. Newton Boechat, Dr. Hernani Guimarães Andrade, Dr. Apolo Oliva Filho, Prof. Walter Acorsi e Guerino Brunelli.

Tomaram parte na festa confraternativa, além de elementos de tôdas as cidades da 3.ª Região e outras localidades, os snrs.: Carlos Jordão da Silva, M. D. Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, Paulo Toledo Machado, Secretário dessa instituição e o sr. Américo Montagnini, DD. Presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

Amparo, viveu uma semana de intensiva festividade espiritual, onde reinou muita vibração fraterna, entre os inúmeros elementos alí reunidos de vários rincões de nossa querida terra.

Mais uma vez foram alcançados através de uma solenidade pública, os amplos objetivos de propagação dos elevados princípios da 3.ª Revelação.

Movimentos dessa natureza são pois, graças ao entrelaçamento da família espírita de nosso Estado, através de seu orgão de unificação — a USE.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião realizada em 4 de Agosto de 1959

Proferida a prece inicial, declara o Presidente abertos os trabalhos, sendo lida e aprovada a ATA da reunião anterior, e passando-se às comunicações dos Senhores Conselheiros.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino informa que a Federação Espírita Catarinense prossegue em intenso trabalho de difusão da Doutrina em todo o Estado, em esfôrço contínuo pelo ideal de Unificação.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf declara que esteve no Ceará, levando à União Espírita Cearense e aos confrades do Estado as saudações da FEB e do Conselho Federativo, e trazendo ótima impressão do movimento espírita cearense. Informa, ainda que esteve em Belo Horizonte, onde continua intenso o trabalho espírita na Capital e no interior do Estado.

Bahia — O Conselheiro Major Ruy

Vidal de Araujo comunica que a União Social Espírita da Bahia adquiriu uma chácara onde será instalado o «*SANATÓRIO ESPÍRITA DA BAHIA*», e que, com grande concorrência e promissores resultados, realizou-se a *III Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas da Bahia*, estando em realização o Curso de Preparação de Evangelizadores do Interior e o Regulamento para as Confraternizações Espíritas do Estado.

Ás dezesseis horas, é encerrada a reunião, depois de feita a prece pelo representante da Bahia.

A XIII Concentração das Mocidades Espíritas do Brasil Central

A propósito de mais essa Concentração Espírita, recebemos e publicamos a seguinte exortação, dirigida aos moços e aos espíritas em geral:

Moço Espírita! Se você colaborar ativamente, será um êxito absoluto a XIII Concentração de Mocidades Espíritas, a realizar-se em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960.

Jovem Espírita! Ajude a realizar com êxito, em Campinas, no ano de 1960, a XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo.

Moço Espírita! Prepare-se, desde já, para participar ativamente do Torneio Evangélico, Trabalhos Doutrinários, Concurso de Oratória, de Música e de Peças Teatrais que fazem parte do programa da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a ser realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960. Para melhores informações escreva ao Conselho Diretor: Rua Irmã Serafina, 674, Campinas, S. P.

Você é membro de Mocidade Espírita do Estado de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais ou São Paulo? Procure então informar-se sôbre a XIII Concentração e assegurar para a sua Mocidade o direito de se fazer representar. Escreva ao Conselho Diretor, Rua Irmã Serafina, 674, Campinas — S. P.

Jovem Espírita! Você não conhece as Concentrações de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo? A sua Mocidade nunca se fez representar? Escreva então ao Conselho Diretor (Rua Irmã Serafina, 674 — Campinas, S. P.) e você se informará sôbre a XIII Concentração, que será realizada em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960.

Você é Espírita? Então é seu dever cooperar para que se corôe de pleno êxito a XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se em Campinas, de 14 a 17 de Abril de 1960 e que tem por finalidades: Divulgar a Doutrina e Confraternizar a Família Espírita.

Movimento Espírita e Espiritualizado, congregando jovens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, eis o que é a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que terá lugar em Campinas, em 1960. Todos os espíritas devem colaborar para o êxito dêste Movimento que será mais um marco de luz na História da Família Espírita.

Espírita! Prestigie e ajude a XIII Concentração de Mocidades Espíritas que reunirá em Campinas, no ano de 1960, jovens de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo.

Espírita! Una seus esforços aos dos jovens e colabore como puder para a XIII Concentração de Mocidades Espíritas, que se realizará em Campinas, em Abril de 1960, e que será mais um vitorioso Movimento do Espiritismo.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 369.866,20.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.$ 80,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00, e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00 e mais Cr. $ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO